

CEDJ - P. I. B.  
DATA 02, 02, 93  
COD. ZED 0003

P E S Q U I S A   E T N O L O G I C A  
E N T R E   O S   T U P I   D O   C U M I N A P A N E M A

R e l a t ó r i o  
para o Departamento de Índios Isolados / Funai

Dominique Tilkin Gallois  
São Paulo, 11/1992

## Índice

Apresentação deste relatório.....	1
<u>Etnônimos.....</u>	2
<u>História oral e contato.....</u>	2
- A fala do finado Sihe	
- Cosmografia	
- Sistema de agressões e doenças dos brancos	
<u>O contato nas tradições míticas.....</u>	4
- Os brancos na paisagem do mito de origem	
- Presença dos brancos em conflitos intertribais	
<u>Experiências mais recentes de contato.....</u>	6
- A história de Raru levada por castanheiros	
- Gateiros se aproximam das aldeias	
- Helicóptero lança roupas sobre a aldeia Keijã (1975)	
- Expectativas na convivência com brancos de "fala boa"	
<u>Relações inter-comunitárias.....</u>	10
- Grupos locais	
- Diário de campo: produção, distribuição e consumo	
<u>Informações sobre a ocupação territorial.....</u>	17
- Designações para as aldeias	
- Aldeias Antigas	
Bacias do <i>Trãni</i> e <i>Kuruaty</i>	
Bacia do <i>Pupuruni</i> (afl. Erepecuru)	
Bacia do <i>Kiere</i>	
- Outros pontos de ocupação atual	
<u>Situação atual: mobilidade x concentração.....</u>	24
<u>Considerações finais - algumas recomendações.....</u>	29
<u>Apêndice: Roteiro da estadia na área indígena em 07/92.....</u>	32
<u>Anexos:</u>	
1. Dados demográficos	
2. Fontes de informação	
3. Mapas desenhados pelos Zo'e	

R e l a t ó r i o:  
para o Departamento de Índios Isolados / Funai

### APRESENTAÇÃO DESTE RELATORIO

Este relatório, de caráter etnográfico, apresenta alguns resultados da pesquisa em curso na área indígena do Cuminapanema.

O propósito básico das descrições é de contribuir à elaboração de um programa de intervenções culturalmente e historicamente adequadas à situação dos Zo'e, esboçado num documento anterior (*Projeto Cuminapanema: contato, terra, saúde, 1991*).

No contexto de uma área indígena isolada e tendo em vista os objetivos específicos de minha pesquisa, - que se configura enquanto um acompanhamento da situação de contato - o levantamento antropológico procura ser abrangente, visando a compreensão dos diferentes níveis da realidade do "contato". O levantamento está em curso e exigirá novas etapas de campo. Assim, este relatório não pretende cobrir todos os aspectos da história antiga e recente de contato. Descrevo alguns elementos desta história, que deverá ser completada, na medida em que as narrativas e informações forem transcritas e analisadas.

A sequência escolhida para a descrição preliminar da história do contato inclui aspectos da cosmografia, da mitologia e das experiências recentes de contato. Na segunda parte, resumo informações disponíveis a ocupação do território, com uma lista de aldeias que foram muito recentemente abandonadas.

Não apresento ainda, neste relatório, informações sistematizadas sobre o sistema de relações sociais, que estou atualmente analisando e serão apresentadas em outra oportunidade, juntamente com dados relativos às concepções tradicionais de doença e práticas de cura.

A título de conclusão e sintetizando a mudança observada no relacionamento, agora tranquilo e mais aberto, entre os Zo'e e os agentes do posto, apresento algumas recomendações quanto à condução de um programa de controle da situação de contato.

Em apêndice, apresento dados demográficos, mapas desenhados pelos índios e fontes de informação (documentos administrativos e textos de divulgação) disponíveis sobre a área.

## ETNÔNIMOS

Como indicado no relatório anterior, os índios do Cuminapanema se autodenominam-se Zo'e, que significa literalmente "nós". Durante esta última estadia, ficou mais evidente o uso deste classificatório em situações - cada vez mais frequentes, dado a maior convivência - de contraposição aos kirahi (ou *kube'e si*), como são designados os brancos. O termo Zo'e só é usado quase que exclusivamente para demarcar-se dos brancos e dos inimigos (Apam, Tapy'yi) que representam as únicas outras categorias étnicas reconhecidas pelos índios Tupi: fora destas relações, os Zo'e não usam nenhum nome para designar grupos indígenas vizinhos. Em algumas circunstâncias, diferenciam entre os brancos os *kirahi ete* (= verdadeiros) representando os primeiros forasteiros com quem travaram contatos há várias décadas (castanheiros e gateiros, da região), ao passo que os agentes com quem se relacionam atualmente são apenas *kirahi* ou *kirahi amõ* (outros brancos, não-regionais).

Neste contexto, como também indicava no relatório anterior, fica evidente que a categoria Zo'e é um classificador ainda em construção, no que diz respeito à sua abrangência (1).

Sugerimos a substituição do nome *poturu* - termo que designa tão somente a madeira com que são confeccionados os adornos labiais *embe'po* (cfr. relatório 1991) - pelo etnônimo Zo'e, agora confirmado enquanto autodesignação usada pelos Tupi do Cuminapanema.

## HISTÓRIA ORAL E CONTATO

### A fala de finado Sihe

Como ocorre em toda sociedade de tradição oral, os conhecimentos transmitidos de geração em geração nunca são anônimos: seus detentores atuais reportam-nas aos indivíduos que lhes legaram a experiência. A maioria das narrativas que registrei - nesta estadia e nas anteriores - são atribuídas à Sihe (*Siherabut javu*, "a fala do finado Sihe") (2), um antepassado importante de todos os Zo'e, à quem eles atribuem praticamente todos seus conhecimentos específicos (técnicos, curativos, relatos sobre acontecimentos do passado mais remoto, explicações informais relativas a eventos históricos, cantos e formas rituais).

### Cosmografia

Procurando manter algumas características do conteúdo e do estilo das narrativas através das quais os Zo'e contam suas experiências de contato com os brancos, inicio por informações mais abrangentes, ligadas à sua cosmovisão que inclui, entre suas balizas fundamentais, o "lugar dos brancos".

Esta abordagem justifica-se também pelo fato dos Zo'e terem tido uma longa e relativamente diversificada história de encontros com segmentos da população regional, que se denota claramente em suas descrições geográficas. As balizas do mundo conhecido constroem-se como resultado de encontros com brancos e com inimigos Tapy'yi e Apam: ocorreram principalmente à beira dos grandes rios - Erepecuru e Cuminapanema e,

talvez remontem a um período anterior, quando o grupo ocupava uma área mais próxima do "rio grande" ou parana, o Amazonas. A distância que os Zo'e mantêm hoje em relação a esses rios, caminho dos kirahi e dos inimigos, são fundamentais para compreender a percepção que têm de seu atual território, pensado como "centro".

Resumindo esta cosmografia, é nitida - e óbvia - a associação entre os brancos e o sul. Os brancos moram do "outro lado" do parana, num lugar que os Zo'e consideram próximo da "borda da terra" *iwi popy*. E também desse rumo que veio o *Nipuan* que, após ter recriado os Zo'e, foi embora para o sul (ver abaixo); por isso, os índios constantemente perguntam se nós, os brancos, o encontramos. A "borda da terra" é configurada, como em outras cosmologias Tupi, pelo encontro entre céu e terra; ali outra figura mítica *Iwikãkã*, está sentada, com as pernas dobradas, parecendo segurar essa borda. Em baixo, num mundo subterrâneo, domina outra figura, chamado *wo*, cortador de cabeças.

No céu existem não apenas uma, mas várias, aldeias dos mortos, *taiwerupa*, localizadas - de acordo com as informações disponíveis até o momento - exatamente em cima das aldeias de onde se originam seus habitantes. Cada grupo local tem assim sua aldeia de mortos, em cima da que ocupavam em vida. Todos os velhos do grupo costumam, durante o sonho (-*paho*), visitar essas aldeias, onde caçam, comem e bebem com seus parentes.

Como indicava nos relatórios anteriores, as direções leste e oeste estão claramente associadas a determinados grupos inimigos designados respectivamente como: a leste, *Tapy'yi*, a oeste, *Apan*. O leste, na direção do Cuminapanema também é a direção de aldeias muito antigas, abandonadas após conflitos internos relacionados à morte de um indivíduo chamado *Kunamiju*. Os inimigos *Tapy'yi* parecem ter feito incursões na área central onde vivem hoje os Zo'e, que dizem que a aldeia *Keijã*, por exemplo, era antigamente frequentada por esses inimigos.

Gravei muitas descrições destes "confins" do mundo, que pretendo apresentar, de maneira mais detalhada, em outra oportunidade. O resumo acima visava apenas evidenciar que a simples indicação "os brancos vem do sul" deve ser recolocada numa lógica muito mais complexa, associada a posições que tem um sentido não apenas histórico, mas mítico e cosmológico.

#### Sistema de agressões e doenças dos brancos

A cosmografia inclui as representações relativas ao sistema de agressão, na medida em que atribui-se a determinadas entidades, especialmente localizadas, a causa das doenças e das mortes. Limito-me, aqui, a notas preliminares, que serão desenvolvidas em outra oportunidade.

No pensamento zo'e, como entre outras sociedades indígenas daquela área cultural, os infortúnios, doenças e mortes são provocadas por predadores sobrenaturais, formando um sistema de agressão tipicamente canibal. Doença e morte são explicados em termos de ataque, por parte destas entidades, que injetam no corpo do doente princípios patogênicos que levam à morte e são - ou não - concomitantes com a extração do princípio vital

A entidade predadora por excelência parece ser o sapo *kururu*, morador das zonas alagadas próximas dos grandes rios. Diz-se do *kururu* que ele "flecha" suas vítimas, perfurando-as com *kiruwat*, o princípio da agressão que destrói internamente a pessoa atingida, levando irremediavelmente à morte.

Outras entidades agressoras são os animais caçados (especialmente a coamba, *kwata*) que atacam de diversas maneiras: flechando ou empurrando o caçador que subiu numa árvore para recuperar um animal morto. Finalmente, atribui-se aos inimigos *Apam* a agressão pelo sopro - especialmente quando "soprada" através de flauta de osso, uma forma de agressão, certamente relacionada ao xamanismo.

É significativo observar que, apesar da grande maioria das mortes recentes serem atribuídas, pelos próprios Zo'e, à doenças que surgiram após o contato, algumas ocorrências recentes continuam apontando para estas categorias sobrenaturais (anexo 1). Será importante analisar de modo mais apurado as informações relativas às mortes já registradas, classificadas, por hora, entre mortes ocorridas antes do contato MNTB de 82/ posteriores à esse primeiro contato/ sem data definida / posteriores à 89. É possível verificar, neste histórico epidemiológico, o caminho do contágio, a partir do alastramento das doenças de aldeia em aldeia.

O intuito da pesquisa visa também, a mais longo prazo, entender a lógica interna à este sistema de concepções da doença e as transformações em curso, sobre o qual disponho de dados ainda fragmentários. O que se pode entrever, no entanto, é que as doenças adquiridas no contato - especialmente aquela denominada *tanã* (descrita como um conjunto amplo e às vezes contraditório de sintomas: tosse, dor de cabeça, febre, tremedeira) mantém características do sistema de agressões sobrenaturais: é "soprada" pelo vento - que sintomaticamente vem do sul, lugar dos brancos - entra pelos orifícios do corpo e sobretudo, não é "contagiosa", isto é, agride individualmente. Na verdade, *tanã* é uma manifestação particular de *kirahy* (diferente de *kirahi*, os brancos), que pode ser traduzido como "dôr dos brancos", ou "doenças dos brancos", uma categoria genérica que recobre várias manifestações patogênicas atribuídas - ou explicadas, pelos agentes da missão ou da Funai - em termos de doenças adquiridas.

## O CONTATO NAS TRADIÇÕES MITICAS

Se os brancos ocupam, na cosmografia, um espaço diferenciado, eles também estão integrados ao tempo mítico. Como é comum entre todas as sociedades que mantêm, de longa data, contatos com os brancos, estes são mencionados nos mitos de acordo com as características mais evidentes das relações que mantiveram com a sociedade indígena. No caso dos Zo'e, aparentam ter sido pacíficas (apesar de alguns episódios configurados como "rapto", ver abaixo) e ocasiões para a obtenção de bens que marcam, até hoje, os *kirahi*: suas vias de acesso (ou seu "barulho": motores de canoa, motores de avião), suas roupas, suas ferramentas.

Os brancos na paisagem do mito de origem

O mito que funda a humanidade Zo'e - ou melhor, a recria após o dilúvio e o fogo que destrói a humanidade anterior - põe em cena um herói, *Nipuhan*, que refaz os homens juntando os ossos dos que haviam perecido, "engolidos" pelo dilúvio. Nas narrativas relativas à este episódio, que possui muitas características de outras tradições Tupi-Guarani, os Zo'e descrevem o personagem principal, atribuindo-lhe saber e poder hoje restritos aos brancos; *Nipuhan* aparece descrito com roupas, sabe escrever, tem canoa com motor, tem gravador, injeções, ferramentas diversas. Como é comum na elipse temporal que o mito efetua, os Zo'e atualizam suas tradições com ingredientes extraídos da atual situação de contato.

O episódio da recriação pelos ossos é sempre localizado pelos narradores à beira do Erepecuru (*Yrepykuru roveí*). Veremos que é também ali que ocorreram os primeiros contatos com os brancos. Porém, quando indagados à respeito, os índios afirmam que, quando *Nipuhan* recriou a humanidade, não precisou refazer os brancos, que não haviam sido engolidos pelo dilúvio: os brancos já existiam, mas estavam longe, "na borda da terra", ao sul. Uma série de elementos históricos são agregados à este mito fundador, associando o evento da recriação à contatos intertribais e interétnicos: o fogo que destruiu a terra (antes do dilúvio) foi provocado por inimigos *Tapy'yi si*, habitantes do leste; para alcançar as ossadas dos humanos destruídos pelo dilúvio, o herói vem do sul. Chega flutuando em um recipiente típico dos brancos: um carote de gasolina, ou uma cuia em forma de canoa.

Um apêndice ao mito, acrescentado por alguns narradores, faz menção da presença dos brancos na paisagem desta re-criação: eles surgem - junto ou depois do próprio herói - flutuando nas águas, em cuias brancas, ou em carotes; os humanos recém-re-criados se relacionam com eles através de outro personagem importante, identificado como *Kirahi* (branco): *Jikirijikarehi ihi ehe*, que intermedia trocas de objetos e trocas matrimoniais entre os Zo'e e os *kirahi*. Depois, cada um volta a ocupar seu espaço: os brancos ficam no sul, os Zo'e nas montanhas, longe dos rios.

Embora não disponho ainda de dados suficientes para associar os elementos destes relatos com experiências concretas, elas demonstram que o relacionamento com os brancos é central na história Zo'e, que foram testemunhos, em algum momento de sua história, de movimentos importantes dos brancos ao longo do Erepecuru. Uma aproximação entre variantes deste relato e a história das expedições de reconhecimento deste rio (entre 1850 e 1950) poderá ser tentada, em outra oportunidade.

### Presença dos brancos em conflitos intertribais

Num outro conjunto de narrativas relativas à conflitos com inimigos *Apam*, os brancos não aparecem mais como espectadores - ou seguidores distantes - mas como atores. Como todos os episódios marcantes da história do contato, este também ocorre às margens do rio Erepecuru.

A história das agressões às quais os Zo'e foram submetidos por parte de inimigos canibais que eles denominam - genericamente - *Apam* remontam no mínimo à 3 gerações, mais provavelmente há cerca de 90/100 anos, tendo ocorrido "muito antes de Siherabut".

Diz a história que um rapaz chamado *Waixyt* foi raptado pelos inimigos enquanto caçava na região do igarapé *Towaiwyt*: os inimigos o matam e o colocam num cesto, para carregá-lo e comê-lo. Não se tem mais notícias

dela, até que seus parentes, seguindo as pegadas dos raptos, chegam à beira do rio grande e presenciam a eliminação do grupo inimigo pelos brancos. Estes queimam a casa - aldeia ou acampamento? - dos Apa, que tentam fugir mas acabam morrendo todos.

Os relatos detalham o relacionamento dos Zo'e com os Apa, evidenciando a recorrência de raptos, que levam os Tupi em busca de seus parentes até locais situados no curso baixo (médio?) do Erepecuru - muitos adultos dizem ter visto recentemente as capoeiras desses inimigos. É especialmente interessante a maneira como os narradores retransmitem os diálogos entre homens e mulheres inimigas, anunciando a preparação e o consumo canibal dos Zo'e capturados.

Por outro lado, esses relatos evidenciam que não havia contato direto entre os brancos e os Zo'e, que apenas "viram" o incendio. Diz-se apenas que, depois deste evento, os brancos foram embora rio abaixo.

Este episódio, que tem características de uma expedição de apresamento ou de uma ação punitiva, confere aos *kirahi* um papel de protetores que será reativado pelas experiências recentes de encontro com a MNTB e a FUNAI. Entre esses episódios de relacionamento pacífico, antes distantes e agora próximos, os Zo'e viveram outras experiências, resumidas a seguir.

#### EXPERIÊNCIAS MAIS RECENTES DE CONTATO

Segue uma primeira sistematização de informações relativas à contatos inter-étnicos anteriores à chegada da MNTB, significativos para entender as atuais expectativas dos índios em relação aos brancos. Obviamente, essas experiências ocasionais e anteriores ao contato oficial de 1987, foram reavaliadas e remoldadas após o convívio com os missionários e estão sendo agora novamente readaptadas às expectativas do relacionamento com a Funai e com outros segmentos da sociedade envolvente.

#### A história de Raru, levada por castanheiros

Há cerca de 45/50 anos, pelo cálculo das idades dos indivíduos que conheceram Raru, uma mulher que viveu entre os brancos e voltou, os Zo'e tiveram outro tipo de experiência de contato: o rapto, por parte de castanheiros, de mulheres e de alguns rapazes. A história de Raru, relatada por vários adultos - homens e mulheres - condensa este tipo de experiência, que expressam como *wereha*, "levar", "raptar".

Ao contrário dos episódios mais antigos este ocorreu na bacia do Cuminapanema, à altura do afluente *Burakie* de seu principal formador, o *Kiere*. Raru estava grávida, havia deixado seu marido e acompanhou os brancos levando seu filho; junto com ela, seguiram vários rapazes que iriam "casar com moças *kirahi*". Apenas Raru e um de seus filhos voltaram, junto com o esposo *kirahi*, que morreu no caminho, envenenado por uma planta que ele desconhecia: Raru, conhecendo a planta, não a ingeriu... De acordo com os narradores, ela voltou sem o adorno labial embe *po*, ostentando uma "costura" no beijo. Os poucos indivíduos que a conheceram confirmam este fato, explicando que ela viveu muito tempo entre os brancos, fazendo farinha e preparando comida para eles.

Os indivíduos raptados eram da região da aldeia *Ivi'ara* - hoje abandonada e cujo último dono é Sarakut - situada na porção nordeste do território Zo'e. O relato comporta, como outras narrativas deste gênero, a



reprodução de diálogos significativos da relação em jogo. No caso, o que é retido é o grito dos brancos que clamavam algo como: "eza, eza, katãï, katãï" (venham, venham, castanha). Fica evidente, pelos relatos, que os índios se aproximaram dos castanheiros e acabaram surpreendidos pela reação destes, quando "levaram" alguns membros do grupo.

Tudo indica que, em consequência deste episódio, os Zo'e se distanciaram da bacia do Cuminapanema. Em todo caso, a região não foi totalmente abandonada já que a aldeia Ivi'ara, de onde provém o atual grupo de Sarakut, continuou ocupada até pelo menos 1975 (ver abaixo). Este eventual recuo em relação ao Cuminapanema é deduzido dos relatos que indicam, para os últimos 20 anos, um maior movimento de "procura" dos brancos na direção do Erepecuru, onde ocorreram as experiências subsequentes de contato, mencionadas adiante.

Ele pode também significar que os Zo'e nunca ocuparam sistematicamente as margens pantanosas do Cuminapanema, como se pode inferir de outras informações: a maioria dos adultos afirmam que nunca seus ancestrais atravessaram este rio, ao contrário do Erepecuru, que era atravessado - pelas lagoas - no tempo da seca. Quando indagados a respeito do rio Curuá, situado além do Cuminapanema, os Zo'e dizem que ouviram falar pelos brancos, mas que seus ancestrais não o conheciam.

Em todo caso, este recuo significa reticências à uma zona considerada imprópria à atividades de subsistência e também marcada por uma sucessão de experiências negativas: o rapto do grupo de Raru, diversos conflitos com inimigos Tapy'yi além de conflitos internos, relativos à história de Kunamiju (tratarei desses episódios em outra oportunidade).

#### Gateiros se aproximam das aldeias

Após a experiência de Raru, os Zo'e mencionam ter tido vários contatos indiretos ("sem carne") tanto às margens do Erepecuru que nos formadores do Cuminapanema. Os homens mais velhos do grupo mencionam numerosos locais onde encontraram "sinais" dos brancos (restos de armações de tapiris, ferramentas abandonadas, picadas) especialmente à beira do Erepecuru. Tratava-se de contatos "sem carne", como dizem os Zo'e. Supõe-se que eles se afastavam rapidamente, por vários motivos: receio de encontrar os brancos, mas também os inimigos canibais Apam.

No entanto, nos últimos 20 anos, ocorreram encontros "com carne", isto é contatos diretos, e inclusive trocas, fortúntos. A intensidade desses encontros parece ter aumentado regularmente até a intrusão da MNTB. Praticamente todos os adultos - que naquele período viviam em aldeias separadas - viveram algum episódio dessa natureza. Os regionais, especialmente gateiros, estavam na época começando a penetrar o território Zo'e. Por exemplo:

- na área oeste (Erepecuru), os moradores da aldeia de Towari (ig. Pupuruni, alfuente Erepecuru) foram visitados por forasteiros que vinham do norte, descendo o Erepecuru, de canoa, construindo acampamento com plástico preto; segundo a descrição, não tinham atividade evidente ("so passaram, indo embora"); levaram farinha dos índios e deram machados, facas e terçados ao líder da aldeia Towari e a outros homens; no igarapé Towaiwet, passagem para as aldeias mais importantes de Zawaraty e do Pupuruni, muitos adultos dizem ter encontrado brancos, que "andavam" e só: fediam e davam ferramentas. Supõe-se que gateiros saiam do Erepecuru, penetrando a região em busca de animais, mas evitavam o contato com os índios.

- na área leste (Cuminapanema), por ocasião de uma pescaria no igarapé Teawok (afluente do formador do Cuminapanema) onde os Zo'e vão até hoje pescar, vários adultos encontraram trapos para apresamento de felinos; os antigos moradores da área (Toweiriri abut) já haviam encontrado, anos antes, esses sinais. Observaram sem ser vistos, percebendo que o gateiro estava sozinho e que deixava "isca" (carne podre) para atrair as onças. Se aproximaram e o gateiro lhes ofereceu farinha.
- na área central (Trâni), os moradores da aldeia de Dubuhu (cabeceira do Trâni) encontraram gateiros (matavam onças) vindo da direção sul, pelo Trâni (conhecido regionalmente como igarapé dos índios); entraram na aldeia, mas o líder Dubuhu não conseguiu se comunicar; tinham roupas, mas não deram nada aos índios. Era a primeira vez que os moradores daquela aldeia "viam" brancos.

As narrativas sobre essas experiências enfatizam muito a questão das roupas, que atraem sempre a atenção dos Zo'e. Quando pergunto maiores detalhes sobre as ocupações dos forasteiros que se aproximavam de suas aldeias, os índios detalham as vestes que usavam e que, nem sempre, eles distribuíam. Os relatos evidenciam que os Zo'e pediam as roupas: esperavam dos brancos que lhes dessem *dybo*, algodão. Esta ênfase seria confirmada com as experiências posteriores de contato que se concretizaram através da distribuição de roupas, hoje, símbolo dos brancos.

#### Helicóptero lança roupa sobre a aldeia Keijã (1975)

Enquanto os Zo'e vinham obtendo ocasionalmente peças de roupa e ferramentas deixadas pelos brancos nas margens do Erepecuru, ou mesmo em suas aldeias, foram surpreendidos por um helicóptero que despejou sobre a aldeia principal uma grande quantidade de roupas. Confirmaram-se as associações previamente construídas sobre os brancos como doadores de *dybo*, (algodão, roupa).

Tratava-se do helicóptero do IDESP, que realizava pesquisa mineral para a SUDAM e, após ter descoberto num primeiro voo, uma aldeia, entrou em contato com a FUNAI (Delegado Nogueira e sertanista Canguçu) decidiu interromper a pesquisa na área. Porém em vãos seguintes, de avião, até a pista do Marapi onde o IDESP tinha uma base, constataram a existência de 3 outras aldeias, além da principal vista no primeiro voo: Keijã (entrevista: Otávio Chaves/IDESP à L.D.Benzi Grupioni, 02.91).

De acordo com os Zo'e, sua primeira reação foi flechar o helicóptero, que se distanciou rumo ao sul mas acabou voltando para lançar pacotes de roupas (e não pano) vermelhas. A primeira reação dos índios foi enterrar ou queimar os pacotes. As discordâncias quanto ao que se devia fazer, foram reproduzidas quando me explicaram o evento. O fato é que acabaram resgatando as roupas, que utilizaram, como fazem até hoje, como vestes ou desfiadas para amarrações de flechas.

No relato mantêm-se divergências: alguns Zo'e identificam o helicóptero como da Funai, de acordo com informações que lhes foram repassadas, mais tarde, pela Novas Tribos. Outros sabem que se tratava de brancos distantes (*amõ te kirahi, Berem wan*), que pretendiam "fazer grandes buracos na terra", como explicaram também os missionários. A maioria distingue claramente o propósito desta primeira visita do helicóptero das

a sucederam. Por volta de 1982-83, um avião hoje identificado como Santarem van e Duaru, missionário da Novas Tribos, lançou ferramentas em cima da aldeia Kaporuhu; depois, por volta de 1987-88, ocorreram lançamentos de ferramentas sobre a aldeia Keijã pelo avião da missão; por último, foi a chegada do helicóptero - que não lançou nada - com a equipe da Funai em 1989.

O maior interesse deste episódio é de fornecer um marco cronológico para retratar os movimentos territoriais dos Zo'e. Fiquei surpresa, de fato, ao saber que, em 1975, Sihe ainda estava vivo e que os Zo'e encontravam dispersos em um grande número de aldeias. Resumindo: a aldeia Keijã era ocupada pelo grupo de Toriri, incluindo a família de Jurusi'uhu e outras; Sarakut e os seus estavam no Ivi'ara; Sihe, Tea'ho e outros na aldeia Zawaraty; Towari e Dubosi, outros dois líderes importantes hoje falecidos viviam na aldeia Dybysi. Tereke uhu já estava afastado no igarapé onde vive até hoje, mas sua aldeia era mais numerosa. Biri, que pertence ao grupo do Kaporuhu estava em visita no Keijã. Os outros membros da aldeia Kaporuhu (que hoje vivem na Base) não viram o helicóptero, não apanharam roupas, só recebendo presentes do céu anos mais tarde, em 1982, quando o avião da Novas Tribos despejou ferramentas sobre Kaporuhu.

#### Expectativas na convivência com brancos de "fala boa"

Entre 1975 (data da visita do helicóptero) e 1982 (data do primeiro contato realizado pela MNTB com alguns Zo'e no igarapé Kuruaty) e entre 1982 e 1987, quando o contato foi procurado pelos índios, que apareceram na base dos missionários - eles continuaram encontrando, regularmente, sinais de brancos.

De acordo com os relatos, fica evidente que não se tratava apenas de sinais deixados pelos missionários. Estes utilizavam a tradicional técnica de "namoro", oferecendo ferramentas deixadas em tapiris à beira dos caminhos. Neste período, os Zo'e rapidamente souberam da presença deles na Base e dizem que, inicialmente, evitavam aproximação. Por outro lado, como atesta a história das aldeias, abandonadas pela sua maior parte muito recentemente, continuavam frequentando os afluentes do Erepecuru, onde avistavam, vez ou outra, presença de regionais. Nos relatos, nota-se que a presença dos brancos fixou-se enquanto "barulho": dos motores de popa que subiam os rios, dos aviões que sobrevoaram a área (como fizeram os missionários), de motosserras (quando estes iniciaram a derrubada da pista da Base). A área ocupada pelos Zo'e configura-se como uma área de refúgio entre esses sinais ao sul, a oeste e à leste.

Não pretendo aqui retomar o histórico do contato efetivado pela missão entre 1982-87, já descrito, em suas grandes linhas (ver relatórios anteriores). Os relatos obtidos em campo sobre este evento são interessantes e deverão ser analisados posteriormente, conjuntamente com as explicações dos Zo'e sobre a substituição dos missionários pela Funai. De fato, para os índios, há no comportamento geral das duas agências, uma continuidade evidente. Essa continuidade, aliás, vinha se construindo desde as experiências imediatamente anteriores que foram, majoritariamente, pacíficas. Os Zo'e eram visitados por pessoas - ou por aviões, helicópteros - que basicamente lhes davam os objetos que desejavam.

Nesse contexto, é evidente que os brancos que vêm de longe (*amã kirahi*) sejam caracterizados como "gente de fala boa". Contrapõe-se assim aos *kirahi* etc, os brancos que, antes, "levavam escondido" (episódio de *Raru*).

O histórico retracado acima, mesmo que ainda incompleto, confirma as expectativas dos Zo'e em relação à convivência com os brancos. Já descrevemos, em outro relatório, como os índios optaram, no final de 1987 se aproximar da Base da Missão; fica claro nas suas explicações, que eles fizeram o contato. Os motivos enunciados são diversos; alguns afirmam que sabiam da presença dos brancos na Base mas os temiam; outros dizem que foram buscar mais ferramentas e panos. O fato é que, entre 1982 e 1987 muitos haviam morrido e os Zo'e tinham imensa curiosidade em conhecer de perto o paradeiro dos brancos que já haviam encontrado - rapidamente - em 1982 e que haviam prometido voltar. Nas explicações relativas às mortes (anexo 1) fica evidente que associam a causa das inúmeras mortes por doenças pulmonares com o abandono repentino de "Neto" (Anestor - missionário que representa, para os Zo'e, o chefe da equipe do primeiro contato de 1982): "Neto chegou, foi embora, tal adoeceu, morreu" é a ladainha explicativa da maior parte dos casos. Porém, como é lógico na maioria dos sistemas etiológicos/terapêuticos indígenas, o fato dos Zo'e terem identificado a origem provável dos males que os atingiam não implicava que a terapia devesse ser procurada na mesma origem. Ou seja, não é porque entendiam que os princípios patogênicos vinham do sul, "pelo vento" ou junto com "Neto" que os missionários seriam procurados para curar as doenças.

Pode-se afirmar que, na medida em que os Zo'e mantêm suas concepções tradicionais de explicação sobre origem e causas das doenças, e na medida em que seus relatos sobre o contato não apontam, explicitamente, para uma busca de cura, eles contactaram os brancos de "fala boa" principalmente em busca dos bens que vinham obtendo há anos: roupas, ferramentas, panelas,...

Nesse contexto, não é de se estranhar que os Zo'e desejem maior contato com os brancos: querem mais objetos, querem visitar a cidade, querem conhecer outros índios. Será importante, nesta fase do contato, prever opções para abrir ao grupo isolado, informações que lhe permita entender melhor não apenas as intenções pacíficas e protetoras dos agentes da Funai que vivem em sua área. Informações a partir das quais eles poderão, readaptar sua visão, ainda muito limitada, sobre os outros (ver adiante).

### RELAÇÕES INTER-COMUNITARIAS

No que segue, descrevo alguns aspectos da organização social Zo'e, relativa às relações entre diferentes sub-grupos que, hoje, vivem por força do contato - um relacionamento mais intenso.

Esta descrição preliminar será complementada, em outra oportunidade, por uma análise mais detalhada da organização social (terminologia de relações, organização interna dos grupos residenciais, trocas matrimoniais, etc...) e das relações entre gerações, bastante marcadas e ritualizadas, numa série de cerimônias de passagem como a furação do beijo, a menstruação das moças, a primeira caçada de rapazes, etc...

Estes ritos marcam etapas do ciclo de vida e estão associados à termos através as quais os Zo'e classificam as pessoas. De fato, este grupo não usa uma terminologia específica para designar parentes ou afins; no cotidiano, usam-se os nomes próprios ou termos indicando a posição geracional.

### Grupos locais

É nítida a existência de grupos locais diferenciados (*wanakã*) denominados pelo nome de seu líder - habitualmente, a pessoa mais velha do grupo - e associados à ocupação geográfica. Esses grupos consideram-se e são considerados "donos" de determinadas aldeias e/ou igarapés. Respeita-se claramente a exclusividade dos "donos" na exploração de porções do território - caminhos de caça, pontos de pesca e, obviamente, roças. O contato aproximou - artificialmente - grupos distintos que continuam mantendo comportamento distanciado, visível na "etiqueta" observada por visitantes quando entram em aldeias distantes e na posição periférica que ocupam durante sua estadia.

Atualmente, mantém-se a distinção clara entre 4 grupos principais:

- o grupo da Base - que na verdade é formado pelos moradores da aldeia *Kaporuhu*, abandonada em consequência da atuação da MNTB;
- o grupo do *Keijã* - atualmente concentrado na aldeia *Zawarakiãven* - que se organiza em torno da parentela do homem mais velho do grupo: *Tamiri/Tabehi*;
- o grupo de *Ivi'ara* - que também vive hoje na aldeia principal, mas em 1991 vivia em *Pirity* - em torno de *Sarakut*;
- os remanescentes de um grupo outrora muito mais numeroso, que vivia em torno de *Tereke uhu*, o único a manter, com sua esposa, um relativo isolamento. Os habitantes de *Zawarakiãven* estão novamente se aproximando de *Tereke* e passando longas temporadas em sua aldeia (ver situação atual), situada no coração de uma área antigamente muito habitada; o igarapé *Pupuruni*, afluente do *Erepecuru* (ver informações sobre a ocupação territorial).

Em função da instalação e da concentração da assistência em torno dos postos, está em curso uma aproximação entre esses quatro grupos locais. Não ocorre, porém, fusão, na medida em que a convivência dos sub-grupos nas mesmas aldeias (*Base* e *Zawarakiãven*) aparentemente não afetou os padrões de relacionamento inter-comunitários.

A diferenciação é patente não apenas na distribuição das famílias nos pátios que compõem as aldeias, mas sobretudo nas relações inter-individuais. Estas são marcadas por um distanciamento ostensivo entre pessoas de grupos diferentes, comportamento enfatizado no momento do encontro entre representantes de sub-grupos que não se viram há muito tempo. O típico ritual de "entrada" nas aldeias - descrição no olhar e na fala, até a confirmação do convite para entrar - mantém-se preeminente apesar da circulação intensa de rapazes "carregadores" e de famílias doentes entre a Base e a aldeia principal. Nesse contexto, as casas dos brancos, nas sedes do posto *Sidara rupa* e *Missão* servem de pontos intermediários, onde ocorre a formalização dos ritos de "entrada": é ali que, pacientes e discretos, os de fora esperam a chegada dos donos do lugar formalizarem o convite explícito, antes de prosseguir para a aldeia. Esta forma de relacionamento pode criar algumas complicações, ou

melhor, "adaptações": quando não são convidados expressamente a entrar nos pátios dos donos do lugar, os visitantes ficam hospedados nos fundos da aldeia, ou no posto, onde esperam alimentação; os donos do lugar, se não os convidam a entrar, contam também com o apoio do posto para providenciar a recepção.

A evitação marcante nas relações entre membros de grupos locais distintos é visível tanto no cotidiano quanto no ritual. Assim, embora exista apenas um caminho entre a aldeia Zawarakiäven e o posto, cada grupo tem seu acesso à trilha principal: os do grupo de Sarakut, por exemplo, fazem uma grande volta para evitar de passar no caminho - e na roça - dos do grupo de Tamiri. O mesmo pode ser observado na Base: os membros da aldeia de cima que se encontram por um período naquela aldeia evitam andar no caminho dos donos do lugar, passando por uma picada que margeia o lado oposto da pista, bem afastado do caminho utilizado pelas famílias de Biri, Keapu e Zarui.

Como é óbvio, as relações de distância social também podem ser observadas na separação das roças, dos caminhos de caça e na utilização dos pontos de água. Razão pela qual, no cotidiano, os membros de diferentes grupos nunca "entram" no pátio dos demais. Somente as crianças percorrem todos os espaços. Os adultos, sejam homens ou mulheres, jamais passam ou entram nas casas dos outros.

A aproximação formal entre os grupos ocorre em momentos rituais - por exemplo, a aplicação de formigas durante o ciclo iniciatório dos rapazes - mantendo-se, porém, uma distância nítida entre os membros dos diferentes sub-grupos, que se apresentam separadamente para a cerimônia. O mesmo pode ser observado nas distribuições coletivas de carne - que ocorrem regularmente - quando a esposa do anfitrião chama, sucessivamente, os membros de cada segmento residencial para comer. Nestas oportunidades, na aldeia Zawarakiäven, denota-se divisões ainda mais finas àquelas indicadas entre os quatro grupos locais básicos.

Isso me levou a indagar a estrutura do poder naquela aldeia, aparentemente concentrado na parentela de Tamiri/Tabehi, o homem mais velho do grupo, cujos filhos e filhas formam o núcleo principal daquela aldeia. Assim, seu filho Sowari diz-se Keijä-jet (dono de Keijä) e inclui entre os donos seus ancestrais, dos quais ele me faz a lista. Depois, retoma o termo e se diz que Jurusiuhu e Kuruabut são também donos do lugar. Aparentemente, todos os denominados descendem diretamente de Siherabut, o ancestral-mor.

Num levantamento sobre as aldeias abandonadas (ver inf. sobre a ocupação territorial, adiante), ficou claro que os Zo'e consideram como "dono" o indivíduo que primeiro derrubou a roça e depois ocupou com sua parentela, o lugar. A maioria dessas aldeias, desativadas recentemente, haviam sido abandonadas em função da morte de seus donos. A divisão sócio-política não apenas é confirmada no padrão de ocupação territorial, mas também por uma informação de natureza cosmológica, que situa as (e não uma) aldeias dos mortos no céu, em posições que correspondem à que tinham em vida. Vários indivíduos, pertencentes a sub-grupos diferentes, me indicaram a localização de seus mortos em pontos celestes distantes entre si, situados na direção de suas antigas aldeias.

A relação de poder manifesta nesta associação entre ocupação de um local e descendentes de seu primeiro dono, que ocupam um local próximo à do ancestral é confirmada pela distinção marcante existente entre as famílias que habitam a Base. Mesmo que todos, ali, referenciam suas tradições à Siherabut, o ancestral-mor do grupo, fazem também referência aos ancestrais da aldeia Kaporuhu, de onde praticamente todos vêm. O representante direto destes ancestrais é Biri, que detém evidente supremacia sobre os demais homens adultos da mesma faixa etária: Zarui tem uma parentela menos extensa e Keapu vem de outro lugar, representando ali, um afim.

Embora os dados disponíveis não permitam confirmar o tipo de descendência observado pelos Zo'e, é patente certa ênfase na linha masculina: as explicações que associam determinados grupos e seus ancestrais fundadores, as denominações corriqueiras que são utilizadas para designar esses grupos, construídas a partir do nome de um chefe de segmento e do sufixo -kã ou -akã; a organização das famílias em casas construídas em torno dos pátios evidenciam estreitas relações entre irmãos, filhos de mesmo pai, e não relações entre mulheres. Isso não significa que a casa (não o pátio) - por via do padrão de residência uxorilocal às vezes observado - seja um espaço organizado em torno das relações entre mulheres: mãe e filha, mãe e nora, co-esposas.

Apresento, a seguir, trechos do diário de campo relativos à distribuição e consumo de alimentos. A observação das refeições coletivas é muito interessante para a compreensão das relações internas à cada casa, grupo de casas, grupos locais. Estas observações assim como outros dados relativos à organização social serão analisadas em outro relatório.

Diário de campo = arquivo dados92

Informações sobre ocupação territorial = arquivo space.2

Diário de campo:

### PRODUCAO, DISTRIBUICAO E CONSUMO

Zawarakiaven - 16/07. Como ontem, hoje muita gente trouxe comida. Distribuição coletiva na casa Dig/Sowari. Comento que ele distribuiu tudo e ele explica que chamou os outros para que *nomu'ai* = não invejem! Zawara me diz que não ganhou. Ela está preparando o *wariri* na casa de Busui, que não entrou na distribuição da casa Dig/Sowari.

As vísceras e o primeiro caldo foram para as pessoas mais próximas: Ire'hui, que matou o guariba, e as crianças da casa. Depois foi para Teaho e Kurusiwie, fora do grupo doméstico, mas que se serviram de caldo na panela. Siju'hu, Teaho, Apin, Namihu e Kurusiwie sentaram atrás do casal e esperaram. Titu ia pegando pedaços e distribuindo às pessoas mais próximas dela, sem perguntar à mãe: Pahi e Puku.

A distribuição final, com todos os pedaços na peneira, foi incrível: aparentemente havia representantes de todas as casas. Mas não das duas irmãs Zapu/Kusi. Sowari pegava cada pedaço, mostrava a Dig e decidiam para quem dar, depois entregando para os representantes das casas indicando o nome do destinatário. Por exemplo, o Apin levou vários pedaços: Tihanuhu *remi'õ*, Turu *remi'õ*, Ijã *remi'õ* e mais dois outros pedaços (não ouvi os nomes). No final se lembraram de Taimiri que não estava representado. Os que não tinham representantes presentes não foram esquecidos: Dig entregou dois pedaços a uma criança para serem entregues ao Taku'ã. Separou os pedaços que sobraram para a própria família: Taeawit *remi'õ*.

No início da distribuição, Apin pediu que lhe entregassem a cabeça: normalmente é comida de mulher e criança: mas era só para arrancar os dentes: entregou ao Sijuhu que colocou na boca para arrancar, entregou os dentes ao Apin que os guardou e devolveu a cabeça à Dig.

Duas horas depois, quando todos estavam dormindo na casa, Namihu entrou e acordou Sowari para avisar que o *wariri* estava pronto. Ninguém foi. No dia seguinte de manhã, todos juntos acabaram o que havia sobrado do kiki e do *wariri*.

Zawarakiaven - 18/07 - Ire'hui e Sowari voltaram com um cesto de castanha e com peixe, que apanharam já na volta, perto de Keijã. Era quase escuro, Dig lavou e jogou os peixes inteiros na panela, na água com pimenta (*ke'ej obodo*). Ferveu 15 min e todos se serviram: Sowari, Ire'hui e Namihu atacaram ao colher, além de Dig e Titu.

Na roda em torno da panela: os consanguíneos eram os homens, os afins as mulheres, mais distantes: Busui. Na mesma posição que teria ficado Zawara se estivesse aqui: recebeu pedaços mas depois e comeu separado. Depois desta primeira distribuição, pegando direto da panela, Dig despejou os pedaços na peneira (= bandeja) e os presentes se serviram novamente. A terceira distribuição, quando os da casa acabaram, foi para os distantes que já estavam esperando, em volta e na minha rede. Kuru, Tamiri e eu. Wo'i me serviu, Ire'hui também. Olharam cuidadosamente com a lanterna e viram sangue no peixe que me deram, tiraram, separaram, dizendo que não devia comer. Todos cuidaram muito do serviço ao Tamiri: verificaram se tinha beiju, explicaram que peixe e que pedaço estavam lhe dando (na escuridão...). O que sobrou foi novamente observado e distribuído (4 serviço) entregue direta ou indiretamente às pessoas: *Busui remi'õ*, *Pa'hi remi'õ*. Antes da distribuição final deram um peixe pequeno e uma titica



de beiju para Kei'i que ficava esperando, perto, mas só comeu nesta última distribuição. No começo perguntei-lhe se ia comer, respondeu: depois, ainda não me deram.

Kuru, por volta das 18h, tinha me trazido um pedacinho de peixe (bem pequeno !) e, como é praxe, dividi com meus próximos. Para mim pedaço de peixe e para Dig caldo: veio buscar uma cuia com farinha para ir buscar, na sua casa, molho e peixe. Trouxe a cuia de volta com dois pedaços: indicando, este é para Dig, este para Tito.

Nessas ocasiões - distribuição de comida - usa-se enfaticamente os nomes, nunca ouvi um termo relacionado com a relação de parentesco ou afinidade. Nesta rodada de comida, um ausente nos "habitues" da casa: Tea'ho. Me disseram que ele foi para casa do Apin onde também trouxeram castanha. Ele mesmo tinha saído para pescar no final da tarde, voltando sem nada. Nami idem, tinha saído às 17h e voltado no escuro. Fazem essas saídas como se fossem "últimas tentativas" ou tem algo a ver com a facilidade de pescar nesta hora ?

A panela secou. Tudo distribuído. Tamiri se aproximou de outro fogo e rola uma típica conversa de caça: bichos que viram, fugiram, que tentaram flechar, etc... E sobre pesca, cor da água. Decididamente seriam mais "pescadores" Será que só no verão ? Falam muito da hora que saem e da hora que voltaram *kisarume*, descrevem o caminho, explicam onde estavam quando a chuva caiu, onde pararam e se abrigaram. O que viram no caminho. Tamiri pontua, animado, sorridente. Totalmente surdo, mas ele lê nos lábios e repete o que os outros dizem. E, sem o tom cantado, um diálogo do tipo realizado entre os Waiãpi.

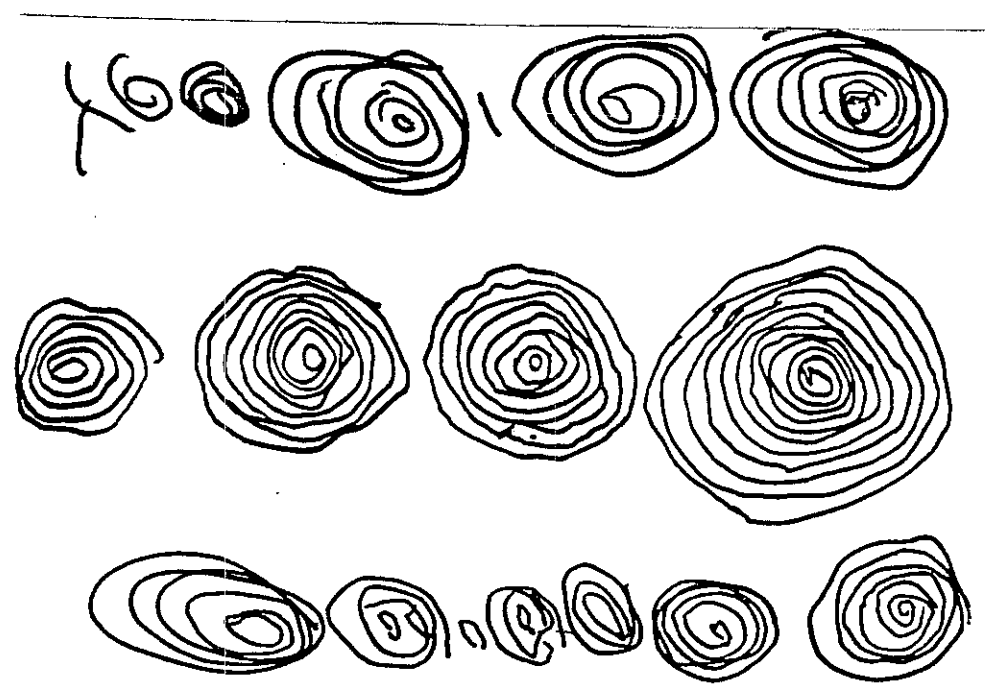
As mulheres, primeiro, tomaram molho com beiju, depois Dig separou os pedaços entre as duas peneiras/bandejas. De fora, participaram: Pahi, que foi chamada, e Busui, que veio. Esta só teve direito à primeira distribuição: o caldo. Uma peneira foi para os homens: Sowari e Irehui, e a outra para as mulheres: Dig e as filhas + Pahi e Tasi que estava por ali. Tamiri foi servido à parte. Enfaticamente. O menino Kei'i está na rede esperando. Me perguntaram qual pedaço desejo, é difícil recusar mas hoje kwata não ia descer. Titu insiste para me dar os miolhos. Vai para "kwani", Boata. Titu tira pedaços com dedo e enfia na boca dele. Sijuhu, que estava na casa desde antes o começo do serviço volta para casa com a cuia com molho e dois pedaços. Não come aqui. Pergunto pra quem são os pedaços: ele responde que esta casa foi feita, em parte, por ele !

Um menino leva um pedaço para Sarakut, seguindo indicação nominal de Dig. Kuru está aqui e recebeu, antes de Kei'i. Na peneira de Sowari sobra só um pedaço para Tarawit (que está no mato) outro para Nami, outro para A'y que também só volta amanhã. Na peneira da Dig sobram 3 pedaços, destinados à Boda, Zapu e Si'u. Tito já tirou *iakã piret* para fazer uma colher. Elas continuam tomando caldo com beiju esfarelado. Pahi levou os pedaços para comer em casa. Keava já havia ganhado. Bohe também. Kuru volta mais uma vez e se serve de caldo com beiju. A peneira dos homens ficou com as costela, perna e braço. A das mulheres, com pés, mãos, rabo e cabeça.

Zawarakiaven - 20/07. Ontem à noite nesta casa tomaram mingau de castanha. Na casa de Busui, idem. Não houve distribuição. Nami voltou tarde com 2 peixinhos. Trocou o resto por bolachas na Funai...

As 21h30, a família de Dig come o *kikira'yt* trazido pelo Tarawit. Busui recebeu *kikipeapy* (= coxa). Tea'ho se aproxima, para na minha rede. Me diz que vai ainda receber guariba do Tapa'aj (= Jurusi). Diz que naquela

casa o'o ra'y = ainda vão comer. Escuto Pahi gritar, chamando algumas pessoas pelo nome: para Tanã ela grita *ne'opota ohem*. As duas, cada uma de sua casa entoam um discurso cerimonial. Estou longe não dá para ouvir. Tito já tinha trazido um pedaço de carne da Pahi para a casa da mãe. Precedência, antes da distribuição oficial. Zaware também come carne da Pahi. Me dizem que Sikwiet e Tapi voltaram sem nada: *panem*. Nami se aproxima. Sikwiet e Jusi também. Todos param na altura de minha rede e confirmam: *kikiwa azat*. Vou comer guariba. Só Nami vai de uma vez ate o fogo e a panela. Os outros esperam ser chamados. Meia hora depois, Sikwiet acaba indo embora sem receber nada. Ele é irmão da Zaware, do Tapi e de Busui. Será que tem algo a ver com a tensão entre Zaware e seu marido.



Caras/olhos de arara - Terã  
Motivo básico da pintura corporal e decoração das flechas

## INFORMAÇÕES SOBRE A OCUPAÇÃO TERRITORIAL

### Designações para as aldeias

O termo genérico para "aldeia" é *-ta*. O termo para "casa" sendo *tahui* ou *tapui*. O uso frequente do termo *tapiri* é uma adaptação ao "pidgin" utilizado pelos brancos; não verifiquei o uso deste termo nos discursos internos.

Existem várias formas de se referir às aldeias antigas (ou recentemente abandonadas). As designações incluem nomes de lugares (nome do igarapé onde estão situadas ou de uma característica ambiental do lugar) e termos compostos a partir da do nome do dono do aldeamento. Nesse caso - aliás o mais frequente - há duas formulações possíveis: *-taperet* (capoeira) ou *-ty* (lixo). Por exemplo: *Dybysi taperet* (a capoeira de *Dybysi*) ou *Dybysity* (o lixo de *Dybysi*). Na primeira formulação, usa-se, ou não, o sufixo *-abur* (finado, que, obviamente, só é utilizado quando o dono da aldeia morreu). É interessante que, quando a aldeia foi abandonada há muito tempo, mantêm-se apenas o nome de seu fundador ou de seu último dono, cristalizado na forma de um nome próprio de aldeia (quando se fala da pessoa, usa-se o sufixo *-abur*). A outra formulação é: *-upa* (habitação, moradia, de tal pessoa).

Quando se referem aos donos (*-jet*) das aldeias, os Zo'e diferenciam quem derrubou (*oity japy*) e/ou quem primeiro plantou a roça (*zaty py*) que dá origem ao assentamento. Os ocupantes subsequentes, normalmente configurados enquanto grupo aparentado aos primeiros são designados na forma *-kã* ou *-warakã*.

### Aldeias antigas

Segue uma listagem de aldeias atualmente abandonadas, distribuídas nas três principais bacias fluviais ocupadas pelos Zo'e: Erapocuru, Cuminpanema, e Igarapé dos Índios. O levantamento em curso inclui outras informações que não estão indicados nesta primeira listagem: "dono" de cada aldeia, o motivo e a época de seu abandono, a lista de pessoas que nasceram, viveram e morreram em cada um desses aldeamentos; esses dados serão confirmados nas próximas estadias na área e apresentados no próximo relatório.

São ainda precárias as informações que permitam uma localização exata dessas aldeias; por isso, não proponho ainda um "mapa" da ocupação antiga/recente; o levantamento em curso inclui mapas desenhados (no chão, ou no papel) pelos próprios Zo'e - cfr. anexo 3.

Quanto ao histórico desta ocupação, os dados também são incompletos. Em todo caso, pode se afirmar que muitas das aldeias abaixo relacionadas foram ocupadas até muito recentemente: é patente que a concentração dos Zo'e nos quatro assentamentos atuais (*Base*, *Pirity*, *Zawara Kiaven* e *Terske uhu*) é consequência da política de contato da MNTB, que se prossegue no relacionamento com a FUNAI. Muitos aldeamentos antigos - especialmente os que eram ocupados até 1975 pelo menos - continuam sendo visitados com frequência, para abastecimento nas plantações de ciclo

longo (urucum e flecha, principalmente) ou como ponto de passagem para acampamentos de caça/pesca, no norte da área.

Aldeias nas bacias do Trãni (Igarapé dos Índios) e do Kuruaty

1. *Wiwaty* (ou *Keijã*)

Situada a menos de um quilômetro da atual aldeia *Zawara kiaven*; a pista de pouso foi construída na capoeira e o flechal queimado. Hoje o lugar é chamado *Sidara rupa* (a habitação de Isidoro, chefe de posto).

2. *Wiwaty* (do *Koporuhu*)

A menos de um quilômetro da aldeia *Koporuhu*, recentemente abandonada. Atualmente, o flechal está praticamente esgotado. Vai portanto mudar de nome, estando associado à própria capoeira *Kopuruhutaperet*.

3. *Nã're* (ou *Nã're rupa*)

Entre *Koporuhu* e *Pirity*, à beira dos campos que margeiam o *Trãni*; passa-se por ela no atual caminho entre essas aldeias (a cerca de uma hora e meia da segunda); tem uma lagoa grande, onde coletam as conchas do molusco *sãve* para os colares femininos.

4. *Kiãven*

Situada no limite da roça da atual aldeia *Pirity*; também designada como *Kikiwo* ou *Kiwowar* - o termo *kiã'ven* é frequentemente usada como denominação de aldeias cujos donos morreram, referindo-se à suas ossadas; a capoeira fica no caminho que sai da aldeia para o rio *Kiere*.

5. *Arai'ho*

No igarapé *Turawyt*, afluente do *Trãni*, situada a dois dias de caminhada de *Pirity*, na direção WN em relação à *Keijã*.

6. *Tarakwa'ity*

Num afluente do *Trãni*, na direção N em relação à atual aldeia *Zawarakiaven*, a meio dia de caminhada desse ponto, por um caminho diferente do que segue para *Terake*: é o caminho que vai para *Ivi'ara*, na bacia do *Kiere*. Alguns dizem que ainda tem banana, mas cuia, flecha e algodão acabaram.

7. *Wary uhu rupa*

Também designado como antigo "ponto de dormir" ou *kie'ha*. Trata-se da aldeia conhecida como "aldeia do contato" onde os missionários encontraram os Zo'e, pela primeira vez, em 1982. Está situada perto de um açazal (*sãity*), num baixão, afluente do "igarapé do contato" ou seja, o *Kuruaty*, utilizado atualmente como ponto de parada no caminho entre a Base a a aldeia principal. Área de grande castanhal e excelente ponto de pesca. A aldeia antiga situa-se aproximadamente a uma hora do novo acampamento. Ainda existe uma casa de ubim que Biri ocupou por um tempo, assumindo-se como dono do lugar e tendo ali iniciado uma roça. Hoje, não tem mais nada. Foi abandonada porque morreu muita gente, por isso não é mais usada como ponto de dormida. Deve ter sido uma tentativa de implantação de aldeia situada a meio caminho entre a zona de ocupação tradicional e a Base dos missionários. Biri o abandonou quando resolveu se mudar para a "missão", onde mora até hoje.

Aldeias na bacia do Pupuruni (afluente do Erepecuru)

8. *Tariri*

Também designada como *Towarity* ou como *Towariaburupa*. Situada no igarapé *Sakumuncha*, afluente do *Pupuruni*. No caminho para a aldeia *Zawaraty*, recentemente abandonada, a meio dia de caminhada de *Zawarakiaven*, ou seja, bem perto. Ainda teria alguma mandioca, banana e flechal. É frequentemente visitada.

9. *Tukusity*

Não confundir com *Kusityry*. Situada no igarapé *Eutakwar*, afluente do *Pupuruni*. Direção WNE em relação à *Zawarakiaven*, a dois dias de caminhada; muito próxima da aldeia *Zawaraty*, na mesma distância entre *Zawarakiaven* e *Niwaty* (a pista de pouso). É passagem para ir à atual aldeia de *Tereke uhu*, por isso continua visitada frequentemente no caminho de outras aldeias onde os Zo'e vão buscar cuias; naquela capoeira mesmo não teria mais nada produtivo.

10. *Toposity*

Também referida como *Teju rupa*, situada na região do *Pupuruni*.

11. *Dybysi taperet* ou *Dybysity*

Também referida como *Towariaburupa* (não confundir com *Dyby uhu aburupa*). Situada no *Eutakwar*, afluente do *Pupuruni*, na direção WNE em relação à *Zawarakiaven*. É próxima das aldeias *Pokoaty* (mesma distância que entre *Zawarakiaven* e *Pirity*) e *Tukusity*; passa-se por ela no caminho para *Tereke uhu rupa*. Ainda teria flechal, plantado por *Towariabur*.

12. *Dyby uhu aburupa*

Também referida como *Dyby uhu abur pako ret* (bananal). É próxima de uma lagoa semelhante àquela do *Koporuhu*, não muito longe da margem do Erepecuru; outra referência é uma cachoeira (*Yty re'he*) provavelmente no próprio Erepecuru. Situada na direção W em relação à *Zawarakiaven*, a dois dias de caminhada, dormindo-se apenas uma noite no caminho. Comparam à distância entre *Zawarakiaven* e a Base. Alguns afirmam que ainda tem muita banana (de vários tipos), cuia e flecha; tinha muito milho que apodreceu.

13. *Ivi kei'he taperet*

Também designada como *Wykei'he*. Situada no caminho entre *Zawarakiaven* e *Dyby uhu aburupa*.

14. *Barakie taperet*

Também referida como sendo *Eusu aza* (?), no igarapé que dá nome à aldeia. Próxima da aldeia *Zawaraty*, numa distância equivalente à *Kupuruhu/Pirity*. Não tem mais nada produtivo. Seus donos eram do grupo de *Kunamiju*.

15. *Zawaraty*

Situada na beira do *Karuwa poksite*, afluente do *Pupuruni*. Situada WNE em relação à *Zawarakiaven*, a dois dias de caminhada segundo uns, ou duas noites de pousada, segundo outros. Próxima da aldeia *Pokoaty*, numa distância equivalente à *Zawarakiaven*/pista de pouso; próxima também da aldeia *Towasity*. Ainda teria cuia e flecha, um pouco de mandioca, algumas casas. No entanto, dizem que foi abandonada "há muito tempo": foi lá que

*Sihe* morreu (depois de 1975, numa época em que "morria-se de velho, não existia *tanã*, a gripe).

#### 16. *Kusityry*

Também designada como *Kusityryty*. Na região do *Pupuruni*. Ainda teria flechal.

#### 17. *Fokoaty*

No *Kupary'ary*, afluente do *Pupuruni*. Situada na direção WNE em relação à *Zawarakiaven*, a um dia de caminhada. Próxima de *Dybysi abur taperet*, na mesma distância que *Zawarakiaven/Pirity*. Ainda teria cuia, flecha, banana.

### Bacia do *Kiere* (formador do rio Cuminapanema)

No relatório de 1991, considerávamos que o nome indígena para o Cuminapanema era *Kiere*. De fato, os índios indicam aquela direção como sendo a direção do *Kiere*. Ficou claro, agora, que eles não denominam o próprio Cuminapanema com este termo, que designa um de seus dois formadores, desembocando no Cuminapanema numa região pantanosa aparentemente não utilizada pelos Zo'e, e por isso não conhecida. Por esta razão, designam também como *Kiere* o curso médio do Cuminapanema, à altura da Base, região que eles passaram a frequentar após o contato. Ao que tudo indica, não existiram muitas aldeias situadas à margem do próprio Cuminapanema. A maior parte das aldeias abaixo relacionadas situam-se na faixa entre o *Trani* e o formador do Cuminapanema. Há apenas uma indicação de assentamento localizado entre este formador *Kiere* e o Cuminapanema propriamente dito: a aldeia *Tetan*. Os Zo'e afirmam que nunca atravessavam o Cuminapanema, nem no curso alto nem no médio. É preciso esperar pesquisa complementar para confirmar a inexistência de assentamentos nesta área.

#### 18. *Ivi'ara*

Importante aldeia situada entre dois igarapés *Biraka* e *Burawa*, afluentes do *Kiere*. Precisamente localizada à margem do igarapé *Uipykui*. Situada na direção N em relação à *Zawarakiaven*, a dois/três dias de caminhada: dorme-se primeiro na antiga aldeia *Ainem*, depois num lugar chamado *Ivimoisi*, depois chega-se em *Ivi'ara*. Era ocupada em 1975. Não teria mais nada produtivo, nem flechal.

#### 19. *Ihe'ko*

Situada no igarapé *Buhukwat*, afluente do *Kiere*. Na direção N em relação à *Zawarakiaven*, na mesma distância que entre esta e *Pirity*. Foi habitada pelo grupo de *Kunamiju*. Seria a aldeia mais distante no lado do *Kiere*, não existindo outra além dela.

#### 20. *Japakani taperet*

Na região das cabeceiras do *Kiere*. Situada à um dia de caminhada de *Zawarakiaven*.

#### 21. *Kiezaty*

Situada numa zona de inajazeiro (que *Ihe* dá nome), além de *Ivi'ara*. Todos dizem que tem lixos muito altos. Não teria mais nem cuia nem flechal.

### 22. *Parakaruty*

Situada no igarapé *Butakwar* ou no *Buhukwat*, afluente do *Kiere*. Na direção N em relação à *Zawarakiaven*; direção NE em relação à *Pirity*; localiza-se além de *Ivi'ara*, perto da aldeia *Tapenahi*, existindo entre as duas a mesma distância que entre *Zawarakiaven* e *Pirity*. Dizem que é perto das margens do *Kiere*. Não tem mais nada, nem flechal.

É importante na história do grupo, sendo local do conflito interno que envolveu os ancestrais *Iviei* e *Kunamiju*. Por isso é conhecida também como *Kunamiju taperet*.

### 23. *Tapenahi*

Situada no igarapé *Butakwar*, ou no *Buhukwat*, afluentes do *Kiere*. Na direção N em relação à *Zawarakiaven*, além de *Ivi'ara*, próxima da aldeia *Parakaruty*. Lugar de origem do ancestral *Kunamiju*.

### 24. *Tetan taperet*

No igarapé *Wirako*, afluente do *Kiere*. Situada além da aldeia *Ivi'ara* e próxima de outra chamada *Tada'u dusi taperet*. É bem próxima das margens do *Kiere*, alguns afirmando que na margem oposta, à dois dias do rio.

### 25. *Ainem* ou *Tada'u dusi abur taperet*

Situada na direção NE em relação à *Pirity*, N em relação à *Zawarakiaven*; próxima da aldeia *Parakaruty*, chegando-se a ela pelo mesmo caminho; localiza-se além de *Ivi'ara*, próximo à margem do *Kiere*. Alguns dizem que, como a aldeia *Tetan*, fica na margem oposta. Considerada um assentamento muito antigo.

### Outros pontos de ocupação atual

Os acampamentos (para pesca/caça e/ou castanhais) são utilizados por grupos residências bem delimitados. Embora as famílias que se deslocam até esses pontos aproveitem para realizar as várias atividades (coletar, caçar e pescar) ao mesmo tempo, cada acampamento parece ter sido escolhido em função de um tipo de atividade específico. A destinação mais frequente é a pesca, uma atividade em franca expansão desde a distribuição farta e contínua de anzóis.

O levantamento de castanhais ainda está incompleto. O levantamento de zonas de caça também é incompleto, pois exigiria percorrer os caminhos - individuais ou familiares; cada homem adulto tem seu caminho de caça, a partir de bifurcações nos caminhos que ligam as aldeias.

Esses lugares são designados pelo termo específico do produto ou da atividade desenvolvida: *-nady* (castanhal, ou *nãry*, igarapé de tal castanhal), *seity* (açazal), *pirepoi* (pegar peixe), etc...

Alguns desses lugares são também utilizados apenas como paradas no caminho entre duas aldeias ou pontos de caça/pesca. Nesse caso, o termo utilizado refere-se especificamente à pousada: *kia'he* (= lugar de dormir?); o levantamento em curso indica que existem alguns pontos somente usados como passagem, nitidamente diferenciados dos acampamentos utilizados para atividades de subsistência.

### Castanhais

Os que estão situados perto da aldeia *Zawarakiaven* estariam acabando em função da concentração do grupo na aldeia principal e sobretudo de mudanças tecnológicas. A diminuição é afirmada pelos próprios índios, que há alguns anos vem derrubando as árvores para tirar a entrecasca ou mesmo para coletar as nozes antes da maturação. Em 07/92, início do verão, diziam que perto, já haviam "comido tudo". Por isso, dirigiam-se sobretudo aos castanhais situados ao sul, no caminho para *Pirity*, acompanhando o curso do *Trãni*. Em outras estações, dirigem-se à castanhais mais distantes:

Os maiores castanhais estariam na direção do *Kiere*, ao norte:

- *Ivi'ara pijer*
- *Kubuhipabot*
- *Firima nana*
- *Towari ypy kihie* (onde há também um inajazal)

Na faixa noroeste em relação à *Zawarakiaven*:

- *Tereke uhu rupa*
- *Ivi kihie*

Na direção oeste:

- *Dyby uhu taperet*
- *Wykeihe taperet*.

### Pontos de pesca

Seguem indicações de alguns pontos de pesca utilizados nos períodos em que estive na área (01/91 e 07/92). No primeiro período, quando os índios estavam quase todos concentrados na "Missão", utilizavam sobretudo o *Kiere* (ponto 1). Os que habitavam *Pirity*, utilizavam os outros pontos de pesca.

*Kiere* - Designam com este nome uma zona do curso médio do Cuminapanema que aprenderam a frequentar recentemente, tanto para caça do urubu que para pesca (as duas atividades sendo paralelas, pois pega-se urubu com isca de peixe podre). A picada foi aberta pelos missionários Eduardo, Santos e Carlos, que na primeira vez só levaram Ipo; naquela primeira ida levaram 12h. e na segunda 8h, acompanhados de Boi e Zarui. Segundo Carlos, a picada foi aberta para facilitar as pescarias e as caçadas, já que os índios reclamavam não encontrarem caça perto da missão; ainda segundo Carlos, eles apreciaram muito a fartura de caça no baixo Cuminapanema; na primeira ida, com Ipo, teriam atravessado o rio e constatado a mesma fartura do outro lado; fizeram uma ponte que não vimos.

Entre o Cuminapanema e a Base, existem vários acampamentos. O primeiro (*Kwatainem*) está situado a 4h da primeira; o segundo acampamento, na beira de um igarapé sem nome (designado somente como *Ireapyry hu* = cabeceira) está situado a 4h do primeiro e a 1h. da beira do Cuminapanema. Em 01/91, quando acompanhamos os Zo'e nesses acampamentos, constatamos que os homens se preocuparam menos em pescar - a não ser a turminha que acompanhava o João Carvalho, que em caçar e pegar urubu do



tipo *jurupy*, que, além das penas para flecha, serve de isca para o uruburei; açam a partir de duas tocaias situadas perto do rio; para pegar urubu, a proximidade do rio é ideal, já que eles ficam rondando as beiras.

Entre a Base e a aldeia *Zawarakiaven*: *Kurusaty* é o ponto de dormida habitual, situado num grande castanhal. As numerosas casas ali existentes são situadas em baixo das árvores e sua estrutura reforçada para evitar acidentes com a queda de castanhas. Passam várias semanas na época da maturação da castanha, como indicam os imensos amontoados de frutas, propriedade de determinados indivíduos. Excelente ponto de pesca. Próximo à "aldeia do contato" (ver acima).

Os moradores das aldeias *Pirity* e *Zawarakiaven* tem nas proximidades diferentes pontos de pesca, identificados como segue:

- *Tea'wok*, igarapé afluente do *Pireaty*, este afluente do *Trãni*, à várias horas de *Pirity*. Na direção ES em relação à *Pirity*, de onde se parte para chegar ao acampamento, em um dia de caminhada.

- *Tasia'rer*, ponto de pesca e inajazal, situado à 2h. da aldeia *Pirity*, no rumo N - vai-se e volta-se no mesmo dia; afluente do *Trãni*. Utilizado pelo grupo de Apin e Tihanuhu. Frequentado desde a época de Towariabur, cuja aldeia *Kiezaty* é próxima e que provavelmente cuidou dos inajazal utilizado até hoje.

- *Pireaty*. Consideram este afluente do *Kiere* do mesmo tamanho que o *Trãni*. Importante ponto de pesca (não confundir com próximo ponto de pesca).

- *Pirity* é um ponto de pesca situado no igarapé do mesmo nome, a menos de 1h. da aldeia; utilizado pelo grupo de Sarakut, que ia frequentemente em 1991, quando morava naquela aldeia, mas voltava sem nada. Em 1992, parece ter sido abandonado, junto com a aldeia, em função da morte de dois de seus antigos moradores.

- *Kihets* é um importante ponto de pesca, situado a 3h. de caminhada da aldeia *Pirity*. Trata-se de um afluente do igarapé *Teawok*, por sua vez afluente da margem direita do *Kiere*. Comparam com o tamanho do *Trãni*. E utilizado pelo grupo de Tamiri.

SITUAÇÃO ATUAL: MOBILIDADE e/ou CONCENTRAÇÃO

Em 07/92 estava evidente a continuidade do processo de concentração decorrente, inicialmente, de uma política deliberada dos missionários que conseguiram desativar completamente a aldeia *Kaporuhu*, cujos membros habitam agora de modo permanente a Base.

Esse movimento prossegue-se hoje em torno das duas bases de apoio da Funai, mesmo que de acordo com outra filosofia de assistência e por motivos diferentes. A seguir, apresento alguns aspectos do relacionamento dos Zo'e com esses dois postos, reproduzindo notas do caderno de campo.

Os dois postos: Base e Sidararupa

Base ou Missão? Os índios continuam se referindo ao lugar como "missão" e, em função disso, os agentes acabam por usar também esse nome. Não ouvi mais os Zo'e referirem-se ao lugar como *Rui rupa*, porque o missionário Luis foi embora. Nesse lógica, seria interessante que os brancos evitassem o nome "missão". É possível, que no atual contexto, surja um nome dado pelos Zo'e à sua aldeia, agora permanentemente ocupada.

Nesta aldeia, muitas mudanças: com o desmonte da casa do Luis da MNTB fizeram paredes em quase todas as casas, que se tornaram escuras e sujas. O exterior não mudou, com espaços reservados para o banho, atrás, e para a grande fogueira, na frente.

As tábuas usadas para fechar as casas são chamadas *wire'e*, como os troncos de palmeira usadas tradicionalmente para os jiraus. Dizem que o Carlos lhes permitiu tirar as tábuas. Este confirma e diz que começou a proibir quando começaram a desmontar outra casa (a casa de "visitas" do tempo da MNTB).

Chamam as paredes de *pari*, dizem que antigamente não faziam. É o termo usado para as "gaiolas" (algumas, enormes) onde criam os xerimbabos. A maioria das casas fechadas com tábuas não é usada: só para guardar, com portas trancadas, paneiros de farinha e outras coisas. Só a família de Ipo vive no *pari*, escuro, com lixo amontoado. As outras construíram tapiris menores onde dormem.

Carlos, 10 anos de Funai, na Base há 3 meses, já pediu transferência. Terá que voltar para um período de 3 meses. Destesta visitantes que vem atrapalhar a rotina do vazio de sua função no lugar: comer, dormir, falar no rádio duas vezes por dia. Nunca vai a aldeia, então os Zo'e vem e invadem: querem falar com ele, sentados nas almofadas que os missionários deixaram, esperando por restos de comida.

Ele é propriamente o "guarda" da Base; confirma que os índios continuam usando o termo "missão". Proíbe todas as iniciativas dos índios no uso das coisas que sobraram dos missionários. O' adora andar de bicicleta mas o faz escondido (a bicicleta estava guardada na casa onde eu estava hospedada). Aqui o esquema do posto é igual à todos: brincadeiras, de vez em quando um presente, geralmente restos. I'hu ganhou uma panela de pressão velha em troca de uma galinha, que Carlos pediu ao seu filho. Ganham também restos de comida: arroz, farinha e os *kiaven* (ossos) com restos de carne, que eles sempre pedem. Dois dias depois, Ipo e turma invadiram a casa, a pretexto de entregar duas outras galinhas encomendadas. Carlos se queixa de que estão magras. "Quem mandou vocês entrarem? Vão comer nas suas casas..." Mas acabará dando restos de sua comida.

Aparentemente há menos furtos que na época dos missionários. Parecem respeitar as coisas da Funai, não forçam a entrada nas casas. Na minha, entrada livre, não sumiu nada. Só uma calcinha no varal, que recuperei da mão do Boi, todo orgulhoso e sempre repetindo: *ije napyhyi* ! Todas as coisas que sobraram da missão, e as da Funai também, continuam trancadas com cadeados etc... As coisas dos missionários foram evacuadas aos poucos. Antes de sair eles mesmos fizeram uma grande fogueira e queimaram em quantidade. Os índios aproveitaram a confusão e levaram muitas coisas: cobertores, roupas, louças, plásticos, que agora estão jogadas pelos pátios... Boi fez uma rede com um cobertor de acrílico que diz ter tirado do buraco onde os missionários queimaram seus bens. Um balde plástico seria *tapekwa kanan* (pagamento para abano), mas deve ter a mesma origem. Fiz uma lista enorme destas supostas trocas, na verdade obtidas de outra forma, ou seja, "tomadas". Como o acesso era livre na casa onde me hospedei, durante os primeiros dias, todos os visitantes inspeccionavam com cuidado e tiraram todos os materiais que poderiam usar: arames, pregos, duas bacias, pedaços de tábuas, cordas... O pessoal da Funai foi integrado à classificações internas, pelo menos por parte dos Zo'e que vivem na Base. Jurusi me diz que os homens da Funai são seus *pa'i*, porque dão de vez em quando comida para ela. Mas Boi, me diz que ele chama o pessoal da Funai pelo nome. Diz que chama João de *tamo*, porque é velho. As mulheres (= Raimunda) são sempre *debea'o*. Boi pede ao seu filho entregar prato ao Carlos, dizendo: *leva para teu pa'i*.

**Sidara rupa:** a moradia de Isidoro está instalada em cima do lugar que continua denominado *wiwaŋy*, flechal da aldeia *Keijã* abandonada há cerca de 15 anos. A pista foi construída no pátio da aldeia, onde havia imensos montes de lixo. O flechal foi queimado.

Isidoro faz breves visitas à aldeia: durante minha estadia em *Zawarakiaven*, foram três: a primeira, por curiosidade; a segunda na noite dos porcos para barganhar um pedaço de carne e a terceira para assistir ao ritual das formigas (avisei na vespera). Na primeira visita - como ele enfatizou que vinha me ver - me deixei levar pela conversa e falamos meia hora em português. Depois tive que responder à todos: reproduzindo *Sidara javu*. Como explicar que falávamos deles?

Raimunda vem uma vez por dia, de manhã. Fica em torno de uma hora. Passa em todas as casas, senta na rede, conversa um pouco e sobretudo brinca. Percebi que como todos - por etiqueta e porque é isso que ela representa para ela - apresentam várias queixas de dor, que ela tenta ignorar. Não sei em que medida ela entende queixas novas, mas em muitos casos parece um diálogo de surdos. Como ela não escuta bem, desvia, etc... enquanto eu estava na aldeia, me pediam para avisá-la de que tal ou tal sentia dor ou tinha tido febre à noite. Difícil trabalho para a enfermeira: a atuação dos missionários criou uma relação tipo "obrigatória" quando se apresenta um atendente com seus remédios: os índios entendem que, nessas ocasiões, eles devem obter alguma coisa, para qualquer arranhão (um toque de urucu, mertiolate, um esparadrapo) ou para coisa séria. O difícil é selecionar entre queixas reais e pedidos por "etiqueta".

Isidoro me explica como foi feita a pista, insistindo muito sobre o fato de que os índios é que quiseram trabalhar, eles é que se apresentaram. Sendo assim, ele "organizou turmas" ! Segundo ele, correspondem à grupos familiares, que ele denomina: "turma do Biri" = Jurusi, Irehui, Sowari;

"turma do Turu" = Sarakut e outros homens das casas 11 e 12; "turma do Tamiri" = homens das casas dos fundos da aldeia. Não ficou claro quem vinha ou não nessas turmas; o que vale a pena registrar é que, segundo Isidoro, a "turma do Biri" não se misturava nunca com a "turma do Turu". Quem trabalhou mais, na época do Isidoro, foram estes últimos. O começo dos trabalhos foi organizado por Parakanã (Moacirio Correa Gonçalves), naquele período, a "turma do Biri" (que estava aí) trabalhou mais. O ritmo do trabalho dependia muito da comida disponível: os Zo'e que trabalhavam recebiam comida: feijão com arroz e, sobretudo mingau de arroz com castanha, preparado pela Raimunda. Só trabalhavam de manhã, até meio dia.

A pista, concluída e inaugurada na minha saída tem 460 metros operável - mais uma entrada de 520 metros (roçados), mais o rio e 400 metros de fundo, parando nas 8 castanheiras que o chefe de posto não pretende derrubar. Os índios, aparentemente, não se importam. Ainda não se sentem afetados pelas derrubadas na medida que eles estão derrubando, em ritmo rápido, o castanhal situado uma hora ao sul de Sidararupa Isidoro mandou abrir um caminho bem largo, denominado Sidararape, entre a pista e a aldeia - de 20 a 30 minutos (a pista na Base é menor: 550 metros operável - cerca de 1000 metros de abertura total).

#### Distribuição da população e movimento de concentração

Em julho de 1992, a população Zo'e totalizava 138 pessoas (ver censo, anexo 1), distribuídas como segue:

Base.....45 (em 10/07)  
 Zawarakiâven.....78 (em 23/07)  
 Tereke uhu rupa...16 (em 23/07)

A composição das duas primeiras aldeias é relativamente estável desde 1990: a primeira reagrupa as famílias que procedem de *Kaporuhu*, hoje abandonada e a segunda diferentes grupos locais (ver acima) que se reuniram após o abandono provisório de *Pirity* no final de 1991.

Qual o destino dessas aldeias ? Eram as últimas que sobram do antigo sistema de ocupação dispersa que parece ter caracterizado o modo de vida Zo'e até o início dos anos 80.

"Embora alguns do Zawarakiaven dizem que vão retornar ao Pirity, na Base, os índios afirmam que a aldeia está abandonada (*taperet*). Referência provável à mortes recentes: *Pirity ahi uhu, pokwã pe, iahi uhu. Nopyta, okuje uhu baza* (no *Pirity* tem doenças graves, o caminho está fechado, doença forte. Não ficamos ali, temos realmente medo)".... Na caminhada: Paramos no Kaporuhu, que agora está totalmente abandonado. O' e Sarara explicam aos outros (de outro grupo) onde ficavam as roças, os caminhos. Com saudade e emoção. Os dois nasceram e se criaram ali. Agora é considerado *taperet* mesmo, sem perspectiva de retorno. Ficavam visivelmente emocionados, procurando pés de mamão, não achando. Até o ano passado, passavam temporadas para aproveitar da mandioca, agora acabou, não sobra nada" (notas de campo 07/92).

Esta concentração se deu claramente em função da política de assistência. Entre 1987 e 1991, a MNTB atraiu autoritariamente os índios para a Base.

Contribui para este processo o transporte, em 1989, de farinha por helicóptero: segundo afirmações dos próprios Zo'e, este apoio lhes permitiu ficar mais tempo na Base para plantar grandes roçados, cuja produção é hoje muito maior que a de Zawarakiaven.

Quando a Funai assumiu a exclusividade da assistência em 1991, deu-se um movimento em sentido contrário, e muitas famílias que haviam praticamente se instalado na Base voltaram para cima, atraídos pela perspectiva da instalação dos brancos (da Funai) e da construção da pista: para eles, um meio seguro de obter as mercadorias que tanto desejam. Aliás, reportaram-me que este foi o discurso que o sertanista João Carvalho lhes fez: "voltem, lá vocês vão ter coisas e o avião vai trazer as coisas na pista de sua aldeia". Voltaram e trabalharam na pista. Viram o avião chegar.

Assim, a mobilidade da-se, por um lado, em função das possibilidades de obtenção de bens, seja diretamente na fonte (aproximando-se das moradias dos brancos), seja por intermédio dos índios melhor abastecidos.

Mas há também um movimento regular de volta para a Base, em função da mandioca. Assim, em julho, previam um retorno em massa para a Base, logo a pista concluída e o avião partir. Pediram inclusive ao Isidoro e Raimunda acompanhá-los, dizendo que não iria ficar ninguém em Zawarakiaven, onde a mandioca esgotou. Iriam todos - naquele final de julho - partir para a Base onde a roça é muito mais farta. Segundo suas previsões, iriam passar vários meses preparando farinha para depois, voltar. Durante minha estadia, os preparativos estavam adiantados: fornos de barro e panelões embrulhados com folhas de sakuri, objetos pessoais guardados no topo das casas. Duas famílias já haviam saído no final de minha estadia.

Uma observação, neste ponto. É impressionante a pobreza das roças. Em Zawarakiaven, onde a terra deve estar esgotada após pelo menos 20 anos de plantio, os pés não apenas de mandioca, mas de cará, batata doce e banana, são ralos e pouco produtivos. A impressão, à confirmar com uma pesquisa mais apurada, é que, desde que se sentiram cercados numa área de refúgio, hesitando sobre qual rumo dar à seus movimentos, os Zo'e não abriram novas roças, a não ser no Purity, agora desativada. As roças das antigas aldeias se esgotaram, as de Keijã/Zawarakiaven são fracas, em terras já exauridas. Mas não saíam daquela aldeia, à espera dos brancos. Seus movimentos, antes de dispersão entre várias aldeias, hoje se dão basicamente entre os dois postos da Funai. E para se abastecer de farinha, vão necessariamente à Base.

Na Base, a mandioca é mais farta por vários motivos: terra nova, roça derrubada com motosserra mais aberta, cultivares trazidos de Santarém. Ali, de fato, a mandioca brava é plantada misturada com macaxeira. Os Zo'e sabem identificar a macaxeira, considerada diferente, mas na tradução do termo mandioca em português, usam macaxeira como sinônimo de mandioca brava. No preparo da macaxeira, usam as mesmas técnicas que para a mandioca brava: espremida no tipiti para tirar o sumo venenoso... Raimunda tentou ensinar-lhes a cozinhar e a fritar (?) a macaxeira, mas não pegou.

Este movimento de concentração, iniciado com a implantação da MNTB, está contribuindo para mudanças importantes na vida do grupo, tanto a nível econômico quanto das relações sócio-políticas que, na convivência

prolongada dos vários sub-grupos, estão criando novas formas de relacionamento entre si.

Um exemplo evidente deste processo é a "atração" do último refratário ao contato: Tereke uhu. Os habitantes de Zawarakiaven explicaram-me repetidas vezes que eles querendo trazê-lo para que ele tenha acesso direto às coisas. Em 1992, fizeram várias visitas à aldeia, sempre levando objetos dos brancos que são trocados com flechas - em falta - e outros artefatos tradicionais:

"Hoje, saiu uma uma turma para visitar Tereke uhu. Dizem que vão "buscá-lo". Tereke veio no Zawarakiaven em 11.91. Ficou num tapiri distante da aldeia, só sua esposa entrou, na casa da Dig, onde a Reimunda a viu, ela estava tremendo de medo.

Desde o ano passado, incrementam as visitas para lá: Tehe, ex esposa e sogra de Haj foi dada a ele, com os filhos pequenos. Haj, Ehe e Tehe estão lá há vários meses. Desta vez, foram buscar: Ehe, Muru'i, Deby, Xu, Tuwai, Jurusiuhu, Sirahyt, Tapi, Sikwet, além de crianças pequenas. Quatro dias depois voltaram Jurusiuhu e Sira'hyt, depois Muru'i, Sikwiet e Tapi. Os outros ficaram. Tea'ho e Kuru resolveram sair também, ele atras da filha (com Deby).

Entendi que está é mais uma expedição para buscá-lo. Dizem que ele não vem se não insistirem. Não se confirmou: duas turmas voltaram, sem ele. Acho que esperam o posto se esvaziar para traze-lo.

Sijuhu faz desenhos no chão mostrando as etapas do caminho: na sequência: Pokoaty, Dubusi, Pupuruni emba, Zawaraty, Tereke. Além da aldeia: Erepecuru. Pupuruni emba seria metade do caminho: byterype kiato.

Parece que Tereke vai vir mesmo. Só Haj e família ficaram por lá, com Xu e Deby. Os outros chegaram hoje. Seri veio sozinho ontem. Jurusi diz que Kujã'hi dançou muito; ele cantou ela dançou. Festa e dança é mesmo algo do domínio das mulheres, enquanto o canto é dos homens. Confirmo o uso do termo *digiet* - *digieruhu* pelos homens" (Caderno de campo, 17/07/92).

Enquanto durar o processo de incorporação do casal Tereke uhu e esposa, os Zo'e continuarão visitando com regularidade a zona de maior densidade de aldeias antigas: o Pupuruni. O caminho para Tereke passam por algumas capoeiras, onde podem se abastecer de plantações de longa duração. Mas, e depois, qual o destino dessas capoeiras? Entre 1991 e 1992, outra mudança me impressionou: trouxeram todas as painelas que antes ficavam nessas aldeias (Zawaraty, Pokoaty, etc...). Este gesto é mais um sinal da concentração em curso.

### Considerações finais

Para concluir este relatório cujo intuito foi de apresentar resultados da pesquisa etnográfica em curso, algumas constatações importantes sobre o trabalho que está sendo realizado na área pela equipe da Funai.

Observei mudanças radicais - no sentido positivo do termo - em relação à 1991:

- boas condições de saúde, pouquíssimos casos de gripe ou de malária haviam sido registrados nos últimos meses;

- os padrões de relacionamento interno e a dispersão regular dos sub-grupos para atividades de subsistência à longa distância (apesar da concentração descrita acima) desenvolviam-se em acordo com necessidades e ritmos mais autônomos que no tempo da MNTE, na medida em que os agentes

da Funai não interferem sistematicamente (como faziam os missionários) no reagrupamento ou na implantação das famílias em determinadas aldeias.

- um aumento considerável de objetos industrializados, obtidos como pagamento de serviços diversos e sobretudo resultante do saque sistemático aos entrepostos dos missionários (antes, durante e após sua retirada); observa-se que muito poucos objetos são efetivamente valorizados/absorvidos; na maioria dos casos foram tomados para serem observados e depois abandonados nos lixos, porque sem utilidade (baldes plásticos furados ou queimados, latas rachadas, etc...)

- de modo geral, as relações entre índios e brancos no posto, desenvolvem-se de modo muito mais tranquilo, isto é, sem grandes frustrações (não poder entrar nas casas, por exemplo) ou demonstrações excessivas e teatrais de alegria (para obter docilidade ou simpatia); este tipo de relacionamento sem dúvida propicia a mútua observação e conhecimento necessários ao entendimento, de parte e de outra, das relações em jogo;

- a disponibilidade dos agentes da Funai em receber os índios em suas casas, certamente explica porque, após a saída dos missionários, a estratégia do furto diminuiu: os Zo'e agora tem acesso não apenas a ver de longe mas a tocar todos objetos que querem conhecer, tem oportunidade para perguntar sobre eles. Não precisam furtar para conhecê-los. Só furtam quando lhes é recusado algo que consideram útil para uma atividade bem definida. Não entendem o comportamento sovina dos brancos.

Nesse sentido, me parece importante enfatizar que a curiosidade dos Zo'e em conhecer melhor aspectos de mundo que os brancos lhes revelam - através de seus objetos, suas falas, seus gestos, suas reticências - deve ser valorizada como um dos meios através dos quais reformulam suas concepções a respeito da diferença entre eles e os brancos. Essas diferenças não são apenas pensadas em termos negativos (desejar as coisas que eles não tem) mas o são sobretudo em termos positivos (recusar comportamentos ou objetos que não lhes parecem adequados). Na medida em que aumentarem sua compreensão do mundo dos brancos, serão capazes de escolher não apenas artefatos e modalidades de relacionamentos, como e sobretudo defender melhor suas expectativas em relação à convivência com determinados segmentos da sociedade nacional.

O protecionismo excessivo para preservar o que se julga ser a cultura indígena apresenta muitos riscos: é necessário controlar, mas esse controle não deve ser por princípio limitador na esfera dos conhecimentos novos aos quais, como qualquer sociedade, os isolados tem direito. A cultura só se mantém enquanto dinâmica, necessitando ser confrontada, conscientemente e de acordo com arranjos cognitivos próprios, com outras formas de viver e pensar. Desse confronto, a identidade surge acoplada à valorização de elementos culturais próprios. Surge como opção e não como resultado de uma imposição ou de uma limitação de alternativas.

Somente as missões fundamentalistas acreditam serem capazes de operar uma engenharia cultural na qual "aspectos positivos" são reformatados pela eliminação dos "aspectos negativos". Atualmente, o trabalho realizado por equipes da Funai em áreas isoladas visa um fortalecimento da autonomia

dos povos indígenas isolados. Esta meta só pode ser atingida na medida em que se der, à esses grupos, oportunidades de optar por determinadas formas de convívio e assim se autoafirmar como atores de seu futuro.

E neste sentido que, num documento no qual propus um programa de intervenções na área de saúde e controle territorial (*Projeto Cuminapanema: Contato, terra, saúde*), enfatizei que as atividades nestas esferas técnicas devem ser subordinadas à formas de atuação inovadoras na área do contato propriamente dito. Um programa de acompanhamento e de preparação ao contato consistiria inicialmente no repasse controlado, mas abrangente, de informações adequadas à demanda e à especificidade cultural do grupo, para que ele possa não apenas compreender, mas assumir de forma autônoma tanto o controle de suas relações com os brancos quanto a defesa de seu território. Um programa desta natureza envolve uma série de etapas que devem ser discutidas com agentes locais e sertanistas responsáveis e para o qual me disponho a contribuir. As informações etnográficas obtidas na pesquisa em curso visam prioritariamente contribuir à elaboração deste programa que, na atual situação no Cuminapanema, me parece ser urgente. Intervenções deste tipo não deveriam, de fato, serem condicionadas apenas ao acaso ou à necessidade imediata.

O planejamento é viável e depende muito menos de recursos financeiros que do entrosamento adequado entre diferentes agentes e especialistas, portadores de experiências e de conhecimentos específicos.

São Paulo, 17 de novembro de 1992

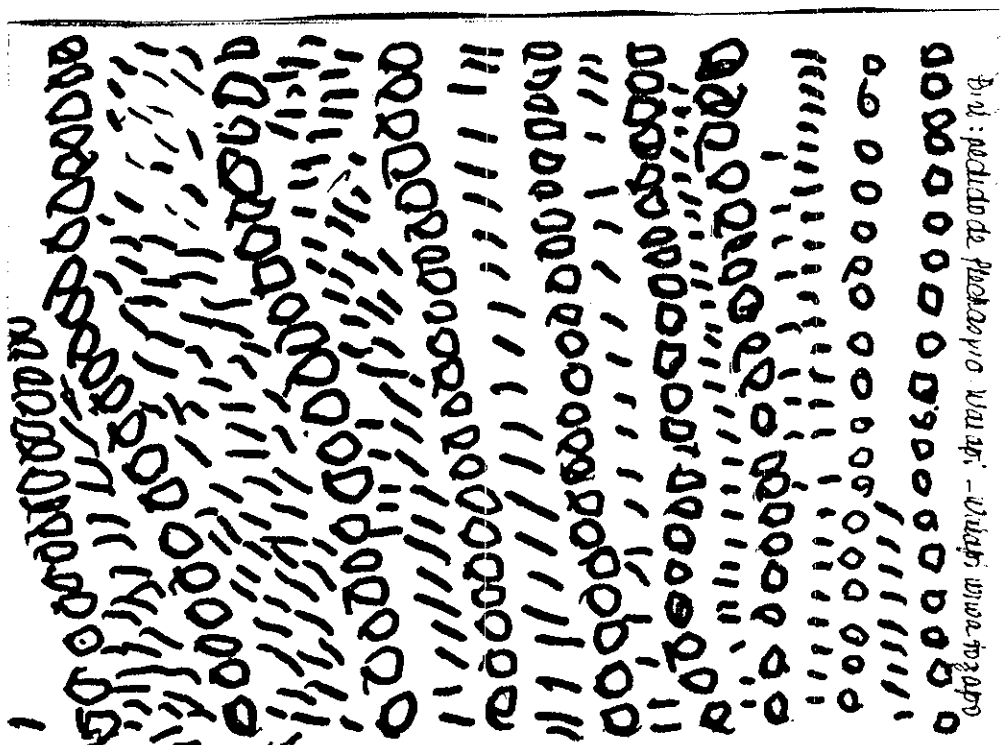
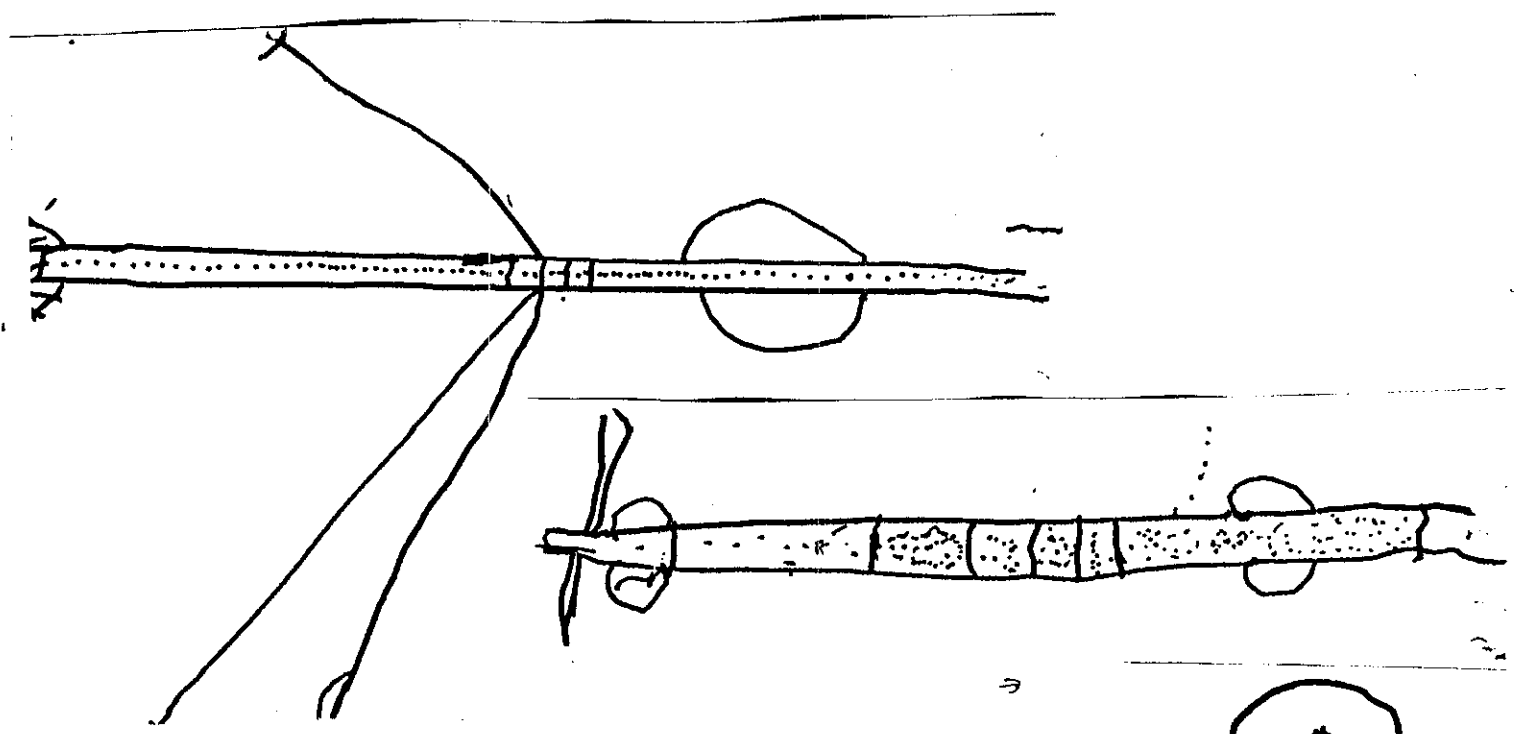
Dominique Tilkin Gallois  
Departamento de Antropologia/USP

Cópias deste relatório para: DII/Brasília, ADR/Belém, Chefe de Posto do PI Cuminapanema, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/USP.

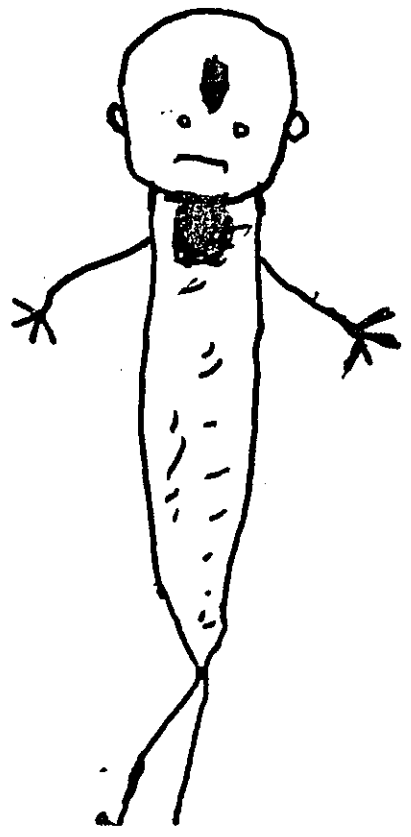


Desenhos e desejos:

- 1-2) Aviões desenhados por Sarara e Boi: no seu interior os pontos representam os inumeráveis brancos que sabem existir no "outro lado do parana" e que querem conhecer.
- 3) Retrato de Tereke uhu e seu imponente adorno labial, desenhado por O'.
- 4) Biri e muitos outros fizeram desenhos que são pedidos endereçados aos Waiãpi: neste ele pede flechas e canas, que eles deveriam trazer quando visitarem a área.



Biri: pedido de flechas e canas - Waiãpi - Urua-rua-rua



ROTEIRO DA ESTADIA NA AREA INDIGENA

02/07 São Paulo - Brasília  
03/07 Brasília - Belém  
06/07 Belém - Santarém  
07/07 Santarém -Cuminapanema-Base

07/07 até 12/07 - Base

Fiquei hospedada numa das ex-casas dos missionários (a do Carlos), aproveitando as facilidades do igarapé próximo e sobretudo da mesa, ideal para montar fichas e genealogias, a primeira tarefa que me propunha realizar. Recebia visitas individuais ou familiares. Todos passavam pelo menos duas vezes por dia, à caminho do igarapé e entravam quando eu estava em casa; as conversas em torno da mesa foram ótimas: crianças desenhando e pais falando, escutando fitas deles mesmos e cantos dos Waiãpi e, sobretudo, mexendo nas minhas coisas. Com isso, minhas entradas na aldeia tinham menos caráter de invasão. Ia e voltava 2 à 3 vezes por dia para visitas "leves". Funcionou. Silêncio à noite é a única restrição.

13/07 - Base / Kuruaty  
14/07 - Kuruaty / Keijã

Fizemos o percurso em dois dias, puxados mas agradáveis, com a "leveza" dos 4 rapazes que não pararam de brincar, sobre episódios da viagem e sobre as "mulheres feias" que iam encontrar na aldeia de cima. Preparavam estratégias de namoros. Brincavam comigo, dizendo que iam voltar e que eu continuaria sozinha. Apreendi muito. Sarara e O' da Base, Tuwai e Jusi do Keijã. Os dois primeiros levando coisas para a Funai, os dois outros minhas coisas: máquinas e rancho. No primeiro dia de caminhada, paramos a cada 30 mn e dava para sentir a má vontade de encarar uma viagem de pura caminhada, sem o agrado das pescarias ou da coleta. Em 89 e 91, as viagens foram muito mais interessantes, no ritmo deles, parando apos tres horas de marcha para buscar comida. Mesmo assim, na única noite do intervalo, no Kuruaty, pegaram 4 trairões: comemos dois à noite e os outros dois de manhã e durante a caminhada. Chegada ao Keijã às 17.30.

15/07 - Keijã (Sidara Rupa)

Dor de dente violenta: fiquei uma noite no Posto. Valeu a pena para observar as relações dos Zo'e com *Sidara Rupa*, a moradia de Isidora, o Posto. Os Zo'e vem visitá-lo todos os dias, na esperança de ganhar alguma coisa. Alguns velhos, como Taku'ã vem e sentam para "olhar". A pista está em cima da aldeia onde ele cresceu. Ele conta onde estava cada pé de mandioca, de banana. Fala e "viaja" até os mortos: os que viviam lá, hoje, moram no céu, exatamente em cima da *taperet*. Mesmo depois de me mudar para aldeia, vim praticamente todos os dias a *Sidara Rupa*, com eles, para a visita aos "funai". Conversar com Ana e Isidoro. No final da estadia, buscava paz e mesa para transcrever fitas antes de voltar à aldeia para colher outras versões. Gentil hospitalidade de Raimunda. "Parakanã" e Seu Bibiu não paravam de trabalhar na pista.

16/07 até 27/07 - Zavarakiaven

Hospedei-me na casa de Dig, onde todos foram atenciosos e interessados. Cuidaram de mim e de minhas coisas, sobre as quais tiveram prioridade no momento da distribuição. Exigiram também comida: arroz no meu prato, feijão-*tik* (fiz só dois dias) e bolachas (*bejusiri*). No fim, não dava tempo para cozinhar, só comia cedo de manhã e depois aceitava a hospitalidade de Raimunda, no posto, evitando situações constrangedoras na aldeia. A longo prazo isso não daria certo. A casa da Dig é central na trama do poder da aldeia: Taimiri fez visitas cotidianas, de manhã e de noite: no final me olhava com menos curiosidade e conversávamos; os jovens todos da aldeia vinham fazer flechas de manhã; era um ponto estratégico para observar o que eu queria, pois a distribuição de comida é regular e formal, além de cotidiana.

As meninas ajudaram muito nas transcrições; Kuru, o informante-mor da lingüista, passava todo dia para saber se ele podia me ajudar, mas não gostei de seu estilo já formado de "transcritor": preferia as meninas, que começavam ajudando na transcrição literal e logo ampliavam a informação, reexplicando, contando casos novos. Eu deveria ter trabalhado com dois gravadores... Sowari e Tarawit se prestaram bem ao jogo de serem "informantes", explicando e reexplicando tudo que eu perguntava várias vezes e se adiantando: "voce "ouviu" isso ou aquilo?". Nisso, Tito e Dig foram ainda melhores, se nao fosse a pequena Kururuhu que falava sem parar interrompendo as falas das mais velhas.

27/07 Cuminapanema-Santarem-Belém

28/07 Belém-SP

### Trocas / pedidos

Lista do material distribuído entre Base e Keijã: 1 caixa de pilhas, 8 pilhas soltas, 2 caixas de 100 anzóis de traira, 5 caixas de anzóis para piaba, 10 carretéis linha 30, 6 carretéis linha 70, 8 esmeril, 5 limas, 5 anzóis de jacare, 12 facas pequenas, 5 facas pequenas cabo plástico, 10 esqueiros, 3ovelos grandes linha branca, 5ovelos pequenos linha branca, 4 bicos lanterna, 1 rolo linha nailon torcida, 2 arame inox, 100 arames prontos, 6 sabonetes, 3 barras de sabão.

O presente mais desejado: pilhas. Para obtê-las fariam qualquer coisa. O chefe de posto estabeleceu o pagamento das viagens a partir desse desejo: cada indivíduo recebe uma "carga" de pilhas por viagem/carregamento realizada... O "pagamento" que fiz ao O' e ao Sarara, que trouxeram minhas coisas foi considerado excessivo por Isidoro, que efetivamente reclamou que eu estava "inflacionando" os pagamentos: para cada um tres pilhas, uma faca e uma dezena de anzóis com linha. Sendo que já havia dado ao O' um par de pilhas na saída.

Outra coisa que todos pediram e que eu não tinha (nem pretendo ter): linha vermelha. Ao contrario da outra vez, só pedem "um"; reclamam que a Funai não dá sabão, mostram o que sobra do sabão dado por Carlos missionário; pedidos feitos aos Waiãpi (ver adiante).

Trocas na Base: praticamente nada e sem registro sistemático, a não ser rede encomendada à Ipo/Jypy'o que paguei com 8 pilhas, 4ovelos de linha pequena e um grande; uma lima e uma faca cabo preto; dois carreteis linha e vários anzóis. Troca concluída na confusão da saída para Santarém.

Trocas no Zawayakiaven: 17/07 Apin: um machado por 3 pilhas; Turu, Sarakut e Tihanuhu: 2 pilhas cada, pelas flautas Turé que acabaram secando e ficando; Tea'ho uma lima, pelas mesmas flautas que fizeram coletivamente; 18/07: Si'u: duas facas cabo madeira pelo colar de criança de casca de jacaré (*pa'yt: ziakare piret*); 19/07 Titu: um tapekwa ruhu de tucum, feito pela Dig por uma faca de cabo preto; 21/07 Sowari me dá seu patua usado, por duas facas de cabo madeira; 22/07 Keava, uma faca por um brinco, que substituiu o primeiro, da Dig (pago com um novelinho de linha); 26/07 Tuhu, um pedaço de resina tori por duas velas; 26/07 Pu'a, me dá seu arco para que eu o leve ao meu filho; dei-lhe uma faca, uma lima, duas pedras de afiar, um novelo de nylon e uns 10 anzóis de trairão. Era tudo que sobrava.

Presentes: difícil registrar no mítido. Quando verificava o censo, casa por casa, indivíduo por indivíduo, distribuí a todos, individualmente, (na Base e no Keijã) linhas (fina/grossa), anzóis (peq/grande) e arame (pronto ou não) para homens e meninos e novelinhos de linha branca para mulheres e mocinhas. Na casa da Dig, fiz vários presentes: pilhas ao Sowari, anzol de Jacaré ao Ire'hui, esqueiros para todos os homens da casa, armações de anzóis grande idem.

O resultado dos saques que fizeram em minhas sacolas é de aproximadamente 12 facas e um montão de anzóis. Especialmente no dia dos porcos, porque precisavam das facas para carnear.

Relatório:  
Pesquisa etnológica entre os Zo'e do Cuminapanema

Anexo 1:

D A D O S   D E M O G R A F I C O S

CENSO ZO'E do CUMINAPANEMA

A população Zo'e do Cuminapanema totaliza atualmente 138 pessoas.

Entre o censo nominal realizado em 02/91 e hoje, houve um crescimento de 5 indivíduos, apesar da morte de 2 adultos. Em 07/92, 3 mulheres estavam gestantes.

Distribuição da população por aldeias

07/92

Nesta primeira lista, mantive a mesma numeração utilizada no censo realizado em 02/91, correspondendo ao número das casas, seguido pelo número de cada indivíduo. (totalizando, na época, 133 pessoas).

Em 07/92, a população Zo'e repartia-se entre 3 aldeias principais, como segue:

Base: 45 pessoas  
Zawarakiaven: 77 pessoas  
Tereke uhu rupa: 16 pessoas

Aldeia da Base (denominada pelos Zo'e "Missão" ou "Rui rupa"):

<u>número</u>	<u>sexo</u>	<u>idade</u>	<u>nome (outro nome)</u>
01-001	ma	50	Biri
01-002	fe	40	Jurupy
01-003	fe	08	Bikut
01-004	ma	27.04.90	Kiãro
01-005	fe	22	Keanã
01-006	ma	06	Du'a
02-007	ma	40	Zarui (Tun)
02-008	fe	30	Tõ're
02-009	fe	15.02.91	Kutã'i (Bitug)
02-010	fe	13	Takitu (Titu)
03-011	ma	22	Ipo (Dabi)
03-012	fe	55	Ja'by
03-013	ma	10	Towapa
03-014	fe	16	Jypy'ha
03- -	ma	05.91	Pisin
04-015	ma	23	Boi
04-016	fe	45	Sãri
04-017	ma	14	O
04-018	fe	16	Jirusi

04- -	ma	04.91	Kunamiju (Kitu)
04-19	fe	12	Kutã'hi (Takitu)
05-020	ma	43	Keapu (Kieiri)
05-021	fe	40	I'hu
05-022	ma	13	Xumirã
05-023	fe	10	Kuri
05-024	ma	07	Tõke
05-025	fe	05	Morãsi
05-026	fe	20	Terã
06-028	fe	70	Zararak
22-097	ma	26	Iwiej
22-098	fe	25	A'da
22-099	fe	1990	Niuda
22-100	ma	20	Sarara
25-108	ma	60	Kurupai
25-109	fe	58	Ai'uhu
26-110	ma	43	Toipie (Kiãrã)
26-111	fe	30	A'sui
26-112	fe	10	Poini
26- -	fe	1990	Ju'i sisi
28-118	ma	32	Za'to
28-122	fe	26	Turã
28-..	ma	27.01.92	Pazesini
28-123	fe	15	O'wa
29-126	ma	09	Xan
28-120	ma	08	Namihi

Aldeia Zawarakiaven (ou Keijã):

06-027	ma	62	Tarawit
06-029	ma	30	Uruputu (Sowari)
06-030	fe	35	Dig
06-031	fe	10	Wo'i
06-032	ma	06	Kururuhu
06-033	ma	07.11.89	Roata (Byku'i)
06-034	ma	11	Kie'i (Same)
08-039	ma	18	A'y
07-035	ma	20	Ire'hui (Ruwa)
07-036	fe	14	Zawara
08-037	ma	25	Si'ju hu
08-038	fe	52	Keava
08-040	fe	16	Bo'he
08-041	ma	10	Hun

09-042	ma	45	Kirata
09-043	fe	42	Ijã
09-044	fe	12	Kujã pe
10-045	ma	22	Sikwiet
10-046	fe	20	Muru'i uhu
10- -	fe	17.10.91	Kwarag
10-047	ma	09	Boidja
10-048	ma	06	Iviei
11-049	ma	62	Apin (Towiro)
11-050	ma	40	Tihanuhu
11-051	fe	45	Tanã
11-052	fe	11	Tã'si
11-053	ma	06	Dubutupã
11-054	ma	32	Turu
11-055	ma	14	Towari (Tabepe)
11-057	ma	19	Kurusiwie tymã
12-058	ma	60	Sarakut
12-060	fe	50	Putere (Tere)
12-060	fe	06	Keaby
13-062	fe	38	Si'u
13-063	ma	10	Keape
13-064	fe	08	Typyso
13-065	ma	05	Moni
13-066	fe	02	Rirurajyr
14-067	ma	17	Tapi
14-068	fe	12	Kutã'i uhu
15-069	ma	61	Taku'ã
15-070	fe	45	Bo'da
15-071	ma	13	Kuru
16-072	ma	75	Tamiri (Tabehe)
16-073	fe	65	Tywak
16-075	fe	18	Saby
19-088	fe	05	Sipu
17-077	ma	25	Namihu (Za'to)
17-078	fe	20	Busui
17-079	fe	1990	Kujã sã
11-056	ma	40	Teaho
16-074	fe	60	Tu'hu
20-090	ma	19	Wara
20-091	fe	20	Kujã'i
20-092	ma	04	Ajã'i
21-093	ma	45	Jurusi uhu
21-094	fe	42	Pahi u
21-095	ma	09	Puku



21-096	ma	06	Haj (Tapy'yi)
23-101	ma	19	Si'ju
23-102	fe	17	Takitu (Titu)
24-103	ma	17	Sira'hyt (Wiraju)
24-104	fe	18	Ju'i
24-105	ma	1990	Ihie'ehum
24-106	fe	53	Kujã'i hu
24-107	ma	08	Pu'ã
28-119	fe	40	Ku'si
28- -	fe	10.91	Fatua
28-121	ma	06	Apam
29-124	ma	18	Si'u hu
29-125	fe	40	Za'pu
29-127	ma	08	Xu'a
29-129	ma	07	Sororo
29-128	ma	05	Teã'kwã
30-130	ma	18	Seri
30-131	fe	14	Kuruta
19-085	ma	15	Ju'si

Aldeia Tereke uhu rupa:

31-132	ma	40 (?)	Tereke uhu
31-133	fe	35 (?)	Kwata'hi
27-114	ma	30	Wahu
27-115	fe	45	Te'he
27-116	fe	07	Serõ
27-117	fe	05	Piji'he
18-080	ma	17	Xu
18-081	fe	24	Deby
18- -	fe	04.91	Rusarã
18-082	ma	17	Tywai
19-083	ma	23	Haj
19-084	fe	26	Ehe
19-086	ma	13	Oroto uhu
19-087	ma	10	Resei
19-089	ma	1991	Tetã
19- -	ma	19.01.92	Irehukiauri

Censo Zo'e, organizado por grupos domésticos

07/92

Tendo em vista a mobilidade dos Zo'e entre as atuais aldeias (Base, Zawarakiaven, Purity, Tereke uhu rupa) e os diversos acampamentos da área, proponho uma lista (e uma numeração contínua) em que os indivíduos são agrupados em função dos grupos domésticos que são, apesar da mobilidade, relativamente estáveis.

Inclui nesta nova listagem os casamentos ocorridos entre 02/91 e 07/92. Quando declarada, a dupla paternidade também está indicada. A primeira parte do número (de 01 a 31) corresponde à cada grupo doméstico, mantém-se idêntico ao levantamento anterior.

Aldeia da Base:

<u>número</u>	<u>sexo</u>	<u>idade</u>	<u>nome (outro nome)</u>	<u>pai</u>	<u>mãe</u>
01-001	ma	50	Biri	Tamesit+	Searakwät+
01-002	fe	40	Jurupy	Tywyit+	Kuja'i hu
01-003	fe	08	Bikut	Uruputu	Jurupy
01-004	ma	27.04.90	Kiãro	Biri	Jurupy
01-005	fe	22	Keanã	Sivi+	Kieza uhu+
01-006	ma	06	Du'a	Biri	Keanã
02-007	ma	40	Zarui (Tun)	Bikut+	Piem+
02-008	fe	30	Tõ're	Tamiri	Za'hu+
02-009	fe	15.02.91	Kutã'i (Bitug)	Zarui	Tõ're
02-010	fe	13	Takitu (Titu)	Dubehe+	Sãri
03-011	ma	22	Ipo (Dabi)	Kikipuät+	Tatu+
03-012	fe	55	Ja'by	Wara+	Tyi'he+
03-013	ma	10	Towapa	Dubehe+	Ja'by
03-014	fe	16	Jypy'ha	Dubehe+	Ja'by
03-015	ma	05.91	Pisin	Ipo	Jypy'ha
04-016	ma	23	Boi	Kikipuät+	Tatu+
04-017	fe	45	Sãri	Tamesit+	Searãkwät+
04-018	ma	14	O	Dubehe+	Sãri
04-019	fe	16	Jirusi	Dubehe+	Searãkwät+
04-020	ma	04.91	Kunamiju (Kitu)	Boi	Jirusi
04-021	fe	12	Kutã'hi (Takitu)	Towatouhu+	Tõ're
05-022	ma	43	Keapu (Kieiri)	Wa'e+	Tekyit+
05-023	fe	40	I'hu	Tamesit+	Searãkwät+
05-024	ma	13	Xumirã	Ju'hu+	I'hu
05-025	fe	10	Kuri	Ju'hu+	I'hu
05-026	ma	07	Tõke	Keapu	I'hu
05-027	fe	05	Morãsi	Keapu	I'hu
05-028	fe	20	Terã	Kusiri uhu+	Putere

## Aldeias Zavarakiaven, Purity e outras localidades:

06-029	fe	70	Zararak	A'y+	Täri+
06-030	ma	62	Tarawit	Towari+	Sowai+
06-031	ma	30	Uruputu (Sowari)	Tamiri	Zararak
06-032	fe	35	Dig	Wakeruhu+	Tu'a+
06-033	fe	10	Wo'i	Tarawit	Dig
06-034	ma	06	Kururuhu	Uruputu	Dig
06-035	ma	07.11.89	Boata (Byku'i)	Uruputu	Dig
06-036	ma	11	Kie'i (Same)	Sakyt+	Tapen+
06-037	ma	18	A'y	Uruputu	Keava
07-038	ma	20	Ire'hui (Ruwa)	Tarawit	Dig
07-039	fe	14	Zawara	Toipie	A'sui
08-040	ma	25	Si'ju hu	Biri	Kuja'i hu
08-041	fe	52	Keava	Dubehe+	Pä'hä+
08-042	fe	16	Bo'he	Sivi+	Kieza uhu+
08-043	ma	10	Hun	Sivi+	Kieza uhu+
09-044	ma	45	Kirata	Tekwiesa+	I'hun+
09-045	fe	42	Ijä	Tamiri	Tywak
09-046	fe	12	Kujä pe	Kirata	E'he
10-047	ma	22	Sikwiet	Zawarun+	Nirä+
10-048	fe	20	Muru'i uhu	Sarakut	Sa'hy+
10-049	fe	17.10.91	Kwarag	Sikwiet	Muru'i uhu
10-050	ma	09	Boidja	Zawarun+	Nirä+
10-051	ma	06	Iviei	Zawarun+	Nirä+
11-052	ma	62	Apin (Towiro)	Ju'hu+/A'y+	Täri+
11-053	ma	40	Tihanuhu	Kasiri uhu+	Pixa+
11-054	fe	45	Tanä	Tara+	Kose+
11-055	fe	11	Tä'si	Tihanuhu	Tanä
11-056	ma	06	Dubutupä	Tihanuhu	Tanä
11-057	ma	32	Turu	Tamiri	Kieza uhu+
11-058	ma	14	Towari (Tabepe)	Turu/Tihanuhu	Tanä
11-059	ma	19	Kurusiwie tymä	Sakyt+	Tapen+
12-060	ma	60	Sarakut	Kasiri uhu+	Eusi+
12-061	fe	50	Putere (Tere)	Wara+	Pixa+
12-062	fe	06	Keaby	Sarakut	Sa'hy+
13-063	fe	38	Si'u	Kiewawa+	Zawaruhu+
13-064	ma	10	Keape	Towari+	Si'u
13-065	fe	08	Typyso	Todouhu+	Si'u
13-066	ma	05	Moni	Todouhu+	Si'u
13-067	fe	02	Rirurajyr	Todouhu+	Si'u
14-068	ma	17	Tapi	Kasiri uhu+	Putere
14-069	fe	12	Kutä'i uhu	Tehe'aro+/Sarakut	Sa'hy+

15-070	ma	61	Taku'ã	Rowa uhu+	Sijã+
15-071	fe	45	Bo'da	Kiewawa+	Zawaruhu+
15-072	ma	13	Kuru	Toipa uhu+/Jurusiuhu	Bo'da
16-073	ma	75	Tamiri (Tabehe)	Sihe+	Badai+
16-074	fe	65	Tywak	Awa'et+	Ebait+
16-075	fe	18	Saby	Tamiri	Tywak
17-076	ma	40	Teaho	Ju'hu+/Towari+	Sowai+
17-077	fe	60	Tu'hu	A'y+	Tiruhu+
17-078	ma	25	Namihu (Za'to)	Tamiri	Tu'hu
17-079	fe	20	Busui	Zawarun+	Nirã+
17-080	fe	1990	Kujã se	Namihu	Busui
18-081	ma	17	Xu	Tamiri	Tu'hu
18-082	fe	24	Deby	Sarakut	Sa'hy+
18-083	fe	04.91	Rusarã	Xu/Teaho	Deby
18-084	ma	17	Tywai	Dubuhu+	Za'pu
19-085	ma	23	Haj	Keapu	Te'he
19-086	fe	26	Ehe	Tamiri	Tywak
19-087	ma	13	Oroto uhu	Wahu	Ehe
19-088	ma	10	Resei	Towato uhu+/Wahu	Ehe
19-089	fe	05	Sipu	Towatouhu+	Ehe
19-090	ma	1991	Tetã	Haj	Ehe
19-091	ma	19.01.92	Irehukiauri	Haj	Ehe
20-092	ma	19	Wara	Kirata	Ijã
20-093	fe	20	Kujã'i	Zawarun+	Nirã+
20-094	ma	04	Ajã'i	Wara	Kujã'i
21-095	ma	45	Jurusi uhu	Towahun+	Tiruhu+
21-096	fe	42	Pahi u	Awa'et+	Ebait+
21-097	ma	09	Puku	Jurusi uhu	Pahi u
21-098	ma	06	Haj (Tapy'yi)	Jurusi uhu	Pahi u
22-099	ma	26	Iwiej	A'pin/Biri	Ihok+
22-100	fe	25	A'da	Biri/Rori+	Kujã'i hu
22-101	fe	1990	Niuda	Iwiej	A'da
22-102	ma	20	Sarara	Sivi+	Kieza uhu+
23-103	ma	19	Si'ju	Towahun+	Sisi+
23-104	fe	17	Takitu (Titu)	Tarawit	Dig
24-105	ma	17	Sira'hyt (Wiraju)	Kikipuã+	Kujã'i hu
24-106	fe	18	Ju'i	Kirata	Ijã
24-107	ma	1990	Ihie'ehum	Sira'hyt	Ju'i
24-108	fe	53	Kujã'i hu	Tara+	Kose+
24-109	ma	08	Pu'ã	Iwiej	A'da
25-110	ma	60	Kurupai	Dubo'y+	Sipe+
25-111	fe	58	Ai'uhu	Kasiri uhu+	Si'uhu+

26-112	ma	43	Toipie (Kiärä)	Sarakut	Sirän+
26-113	fe	30	A'sui	Kurupai	Ai'uhu
26-114	fe	10	Poini	Toipie	A'sui
26-115	fe	1990	Ju'i sisi	Toipie	A'sui
28-116	ma	32	Za'to	Tamiri	Tywak
28-117	fe	26	Turä	Kurupai	Ai'uhu
28-118	ma	27.01.92	Pazesini	Za'to	Turä
28-119	fe	15	O'wa	Toipa uhu+	Bo'da
28-120	fe	40	Ku'si	Rowä+	I'hun+
28-121	ma	08	Namihi	Za'to	Ku'si
28-122	ma	06	Apam	Za'to	Ku'si
28-123	fe	10.91	Patua	Si'uhu	Ku'si
29-124	ma	18	Si'u hu	Typopy+	Si'u
29-125	fe	40	Za'pu	Rowä+	I'hun+
29-126	ma	09	Xan	Za'to	Za'pu
29-127	ma	08	Xu'a	Za'to	Za'pu
29-128	ma	07	Sororo	Za'to	Za'pu
29-129	ma	05	Teä'kwä	Za'to	Za'pu
30-130	ma	18	Seri	Za'to	Ku'si
30-131	fe	14	Kuruta	Keapu	Te'he
19-132	ma	15	Ju'si	Wahu	Ehe

Aldeia Tereke uhu rupa:

31-133	ma	40 (?)	Tereke uhu	Tamesi+	Nami+
31-134	fe	35 (?)	Kwata'hi	Warekuru+	Nami+
27-135	ma	30	Wahu	Sarakut	Sirän+
27-136	fe	45	Te'he	Turu+	Keanä+
27-137	fe	07	Serö	Keapu	Te'he
27-138	fe	05	Piji'he	Wara	Te'he

Dominique T.Gallois  
13.10.92

arquivo: mortes - 25.08.92

MORTES ENTRE OS ZO'E DO CUMINAPANEMA

ANTERIORES ou POSTERIORES AO CONTATO COM MNTB/FUNAI

NOS PERIODOS 1982/89 (MNTB) e 89/92 (FUNAI)

A listagem a seguir complementa a primeira lista, que enumerava 37 pessoas mortas entre 82 e 91, enviada à CII/Funai junto com o relatório de nossa estadia na área em 1991.

Mortes registradas no censo realizado em 1991 e revisado em 1992

A lista só inclui casos sobre os quais obtive informações de pelo menos três pessoas; as discordâncias entre os informantes estão indicadas. Mantive a explicação fornecida pelos índios Zo'e, em sua língua. Uma síntese das categorias de causa-mortis utilizadas pelos índios será enviada posteriormente.

O registro até o momento disponível totaliza 71 indivíduos que faleceram nos seguintes períodos:

- sem data precisa = 16
- antes de 1982 = 12
- entre 1982/88 = 37
- entre 1989/07-92 = 06

1. Mortes anteriores a 1982

(os indivíduos abaixo faleceram antes do contato com a MNTB: "não viram Neto")

1. Kose / F

mãe de Sisi+ e Kuja'hi, esposa de Tará - Kaporuhu  
= tanã ojukie, tasitxia, a'e ikihie; inchaço na barriga, iruru uhu.

2. Kusiri uhu / M

filho de Sivi - Purity  
= kirahy mo'a ojukie, aku mo'a, ôkwa tenô baza, kwara'y pe, wyto romô okwa

3. Sipie / F

mãe de Pãhã = mãe de Keava - Saraty  
= nitasitxoiwie, wiwa ahy, wiwa okusiwa

4. Sirakwã / F

mãe de Tywyi = pai de Jurupy - Saraty  
idem acima

5. Sisi / F

mãe de Siju  
= iahy ojukie - dor na barriga

6. Sivi / M

pai de Keana, Bohe e Sarara - Kaporuhu  
 = dor nas costas: pijie ahy mo'ã, kiruwat ojukie, kirahy ojukie -  
 = tanã ojukie = jã'hy ojukie

7. Tabeheju / M

pai de Wa'e = pai de Keapu - Kiaven  
 = taimi tenõ omono, nipytaï

8. Tapi'ir / M

pai de Tywyi = pai de Jurupy  
 = kirahy, aku, otyty

9. Tupã / M

pai de Ebai = mãe de Pahi - Kaporuhu  
 = tasitxae, taimi omono

10. Towekor / M

pai de Dobehe = pai de Keava - Terekeuhu rupa  
 = tasitxo'e umano, daixoi rane tanã

11. Wa'e / M

pai de Tywak, de Keapu e de Pahi - no Kiare, perto Kaporuhu  
 = queda de árvore, procurando guariba, era taimi aven, Sarakuraza

12. *sem nome* / M

menino filho de Pahi e Jurusiuhu - Keijã  
 = aku, tyty

2. Mortes ocorridas entre 1982/88

(na sequência dos contatos estabelecidos pela MNTB: *Netorikapori*)

1. A'y ou Pykiara / M.

pai de Tuhu - Keijã  
 = piabudusi, opositerek, tarakoposi

2. Bikut / M

pai de Zarui - Kaporuhu (Neto estava na missão mais ainda não nas aldeias)  
 = Kirahy nahy ojukie, tanã

3. Djuhu / M

primeiro esposo de I'hu, esposo de Deby - pai de Apin, de Tiruhu e de Rowa uhu = pai de Takuã - Keijã/Tarakwaity  
 = dosira'y ma'e ako ojukie, ako ma'e ojukie (I'hu); = morreu de velho (Apin).

4. Dobehe / M

pai de Keava - RuiRupa já exista, os missionários não haviam ido ao Keijã (nowehei Keijã) - Dobehe viu RR - Kaporuhu  
 = tanã ojukie, a'y omono, tanã uhu, dor no peito

5. Dyby uhu / M

primeiro marido de Zapu e de Kusi - Keihe

= caiu de árvore, arat ojupitesto, Tupã pete

6. Ebai / F

mae de Tywak e de Pahi - Zawarakiaven

= tana jukie (Neto rikipori, Neto ujã)

7. I'hun / F

mãe de Zapu e Kusi - Zawara Kiaven

= tanã ojukie (Neto rikipori, Duarukã, nobojui, a'e omono)

8. Kikipua ou Tywyi/ M

= tana ojukie, Neto rekipori

9. Kieza uhu / F

mãe de Keana, Bohe e Sarara - Furity

= parto: poro'ã ahy ojukie, wypot; tanã; jã'hy

10. Pã'hã / F

mae de Keava - Pokoaty

= tanã

11. Rowa / M

pai de Zapu e Kusi - Furity

tanã, peito boahy - era muito velho

12. Sakyat ou Saken/ M

pai de Kie'i e Kurusiwie - Zawarakiaven

= morreu magro (dopori = sem carne) - kiruwat ojukie segundo Dig - Kurusiwie afirma que foi de tanã e não kiruwat, mas Dig contesta

13. Sowa uhu / F

primeira esposa Sikwiet

= tanã

14. Tamesi ou Takie'e / M

pai de Tereke uhu - Iviara

= tanã

15. Tapen / F

esposa de Sakyat, mãe de Kie'i e Kurusiwie - Zawarakiaven

= morreu de dor de dente; kiruwar äporu (=coloca na boca, gesto) a'e xaran iruru - kiruwara jukie; kiruwara ojukie, barriga ahy uhu; segundo o filho foi kiruwar mesmo que flechou no peçoço.

16. Tari / F

mae de Apin, esposa Djuhu

morreu de velha no Kiaven do Furity = tasixa ojukie, ipy teno, tesitxoipy

17. Teikwet / M

pai de Tiruhu (é o mesmo que Djuhu ?)

= ypoem, ypot - inflamação bexiga



18. Totohu / M

primeiro marido Töre - Keijã  
= tanã mo'a kuriri ojukie

19. Towatouhu / M

irmão menor de Zarui  
= kirahy

20. Towari / M

pai de Keape e primeiro marido de Si'u - Kaporuhu  
= jiã'a haj

21. Towariri, Toiriri ou Bede / M

irmão de Töre, filho Taimiri e Tuhu - Keijã  
= queda, ywate oat, ywyto buhy obusak

22. Towahun ou Kuru / M

pai de Jurusi e Siju - Tawaripy do Keijã  
= tanã (Neto rikipori:recebeu injeção de manhã (oso'osok) antes dos missionarios irem embora, e morreu de tarde) - Segundo Dabi não foi de gripe mas de dor nas juntas.

23. Towikot / M

pai de Djuhu, pai de Apin  
= kwata hy ojukie *comentário na fita 6*

24. Wakeruhu / F

mãe de Kwata'hi - Ypa do Tereke uhu rupa  
= tanã

25. Wire ou Nirã / F

mãe de Sikwiet e cia - Ainem  
= tanã

26. Za'hy / F

mãe de Turu, Töre e Kieza uhu= mãe de Keana e Bohe - Keijã  
= tanã ojukie, ako kuriri; dir de barriga, tanã

27. Zaruwar / M

marido de Sabor, pai de Sihe (cfr.Tihanuhu) e de Sijã uhu, ela mãe de Busi  
= queda de árvore

28. Zawarahy / F

filha de Keava com Sowari (adulta, era casada com Apin)  
= tanã

29. Zawaruhu / M

pai de Si'u  
= Haj ahy, tapuru o'o (mostram pescoço)

30. Zawarun ou Tube ou Kywewo / M

pai de Busui e Sikwiet - Iviara/Ainem  
= piabusi, inflamação do ventre; tanã

31. *sem nome* - menina de 8 anos  
filha de Tõre e Totõhu - Kaporuhu  
= tanã kuririwar ojukie

32/33. *sem nome* - duas meninas, com 1 a 3 anos  
filhas Ijã - Keijã  
= tanã

34/35. *sem nome* - dois meninos  
filhos Tõre e Zarui - Kaporuhu  
= gripe

36/37. *sem nome* - duas meninas  
filhas de Sakyt e Tapen - Zawarakiaven (1988)  
= tanã ojukie

### 3. Mortes sem data precisa

1. Asi / F  
mãe de Zawarun/Tube, pai de Busui - Tarakwaity  
= iporua ojukie

2. Arami uhu (Rami) / F  
mãe de Djuhu e de Toppypy - Zawaraty  
= tasitxo a'e omono

3. Ihok / F  
mãe de Iviei, primeira esposa Namiuhu (não é a mãe de Iviei abut, morto pelos inimigos Tapy'yi) - Kaporuhu  
= tanã mo'a kuriri ojukie, morreu velha

4. Kasiri uhu / M  
pai de Tihanuhu e Sarakut - Iviara  
= morreu muito velho

5. Keanã / F  
mae de Te'he  
= tasitxo omono

6. Koado / M  
= kwatahy ojukie, ojywõ ojukie (cfr. relato Apin, fita 6/A)

7. Sijã / F  
mãe de Towahun  
= taimi omono, tasitxo

8. Sirakwã / F  
mãe de Tywyi/Tu'i, esposa de Tará - Kaporuhu  
= tanã

9. Tará / M  
pai de Kuja'hi - Kaporuhu  
= tanã

10. Tearõ / M  
pai de Towahun  
= taimi'e omono

11. Tekyi / F  
mãe de Apin, de A'y e de Wa'e = pai de Keapu  
Keapu = tasixo omono - Kiaven (seria Arami uhu e não Tekui)  
Apin = tanã ojukie - Kupuruhu (a propria Tekui)  
Wej = tesitxa

12. Tekwiesa / H  
pai de Kirata - Kiaven  
= queda

13. Tobeheju / M  
pai de Wa'e  
= taimi omono

14. Towato uhu / M  
pai de Sipu, primeiro marido Ehe - Purity  
= kiruwar oporan

15. Tupopy / M  
pai de Si'uhu, filho de Arami/Rami - Terekeuhu rupa  
= cuspiu sangue

16. Turu ou Tikweapy / M  
pai de Te'he - Terekeuhu rupa  
= ta'yt zapo a'e inem, inflamação barriga

4. Mortes posteriores à presença Funai, registradas pela Funai e por DTG a partir de 1989.

1. *sem nome* - menina de dez anos  
filha Ada e Koasi+ - Purity  
1989 = tanã, Neto rikipor

2. *sem nome* - menino dois anos  
filho Ada e Koasi+ - Purity  
1989 = tanã, Neto kipor

3. Nakã / F  
filha Iviei e Ada - Keijã  
1989 = dor no estomago - ako, otyty uhu

4. Sahy / F  
esposa Sarakut - Purity  
1990 = inflamação barriga

5. Tiruhu / F

mãe de Jurusiuhu e Kuru+ (ou Towahun), pai de Keana e Bohe - Purity  
 1991 = Bohe = ahy tanã kuriri ojuki; Saby = kuruwat ojywö, kiruwat oitxe  
 ipupe, ne rikipori a'e umano, ne ho, a'e umano, ne nomohem tiso  
 Segundo Boi, foi *niahy uhu*, que ele traduz como "dor de barriga"

6. Todouhu / M

marido Si'u - Keijã  
 1992 = inflamação barriga  
 Segundo Dabi não tinha remédio: ele e Dilson levaram remédio até Keijã,  
 mas não adiantava - a'hy ojuka, "ahy barriga grande"  
 Segundo Boi, ficou muito magro *naixoi apor, tin!* (sem carne, fino)

Obs: falta sistematizar e traduzir as informações  
 como causas das mortes aqui relatadas

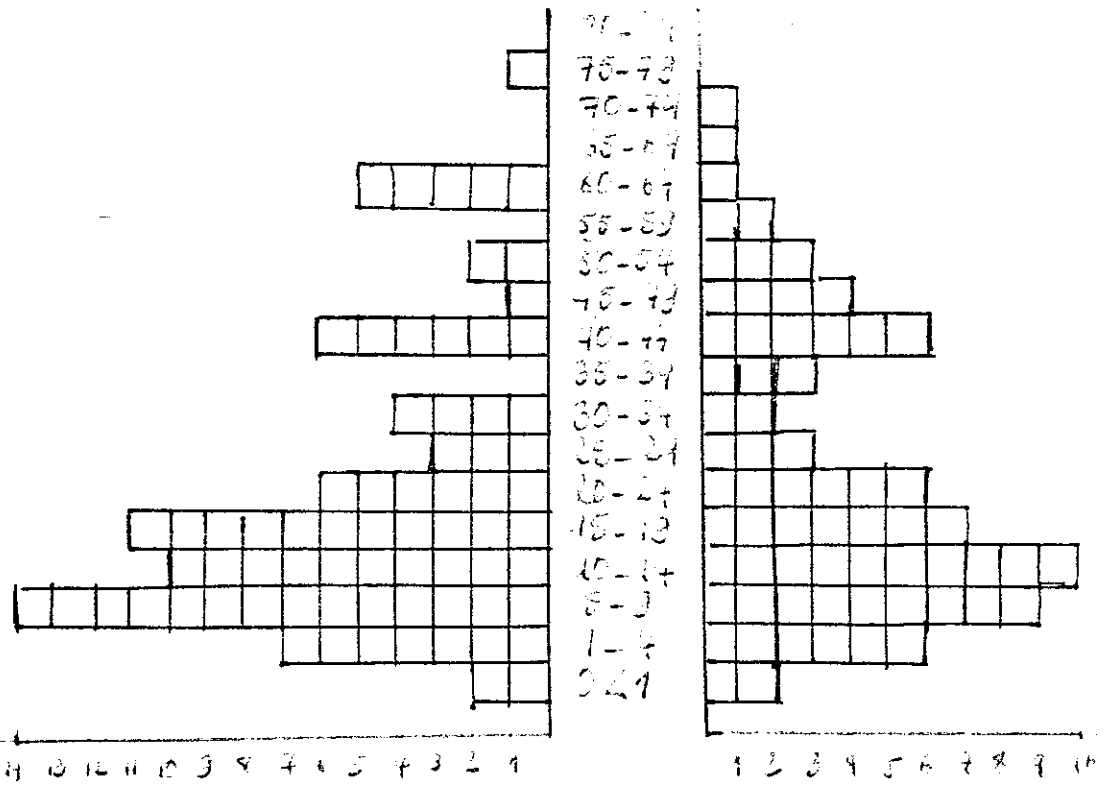
# Envelhecimento - 30c. Curitiba

1992

Homens  
72

Mulheres  
57

Total  
129 \*



> 75	2
> 70	2
> 65	2
> 50	15
> 40	2
> 30	17
> 20	29
> 15	26
> 1	4

\* Número incluindo 1 ind. falecido em 1992 - Total atual 138

Relatório:  
Pesquisa etnológica entre os Zo'e do Cuminapanema

Anexo 2:

## FONTES DE INFORMAÇÃO

(seleção)

### I. Documentação das agências de contato

1. Funai; documentos administrativos e relatórios de visita à área
2. MNTB : documentos administrativos e relatórios de atividades
3. MNTB : outras informações

### II. Jornais e divulgação

1. Notícias de jornais
2. Textos de divulgação sobre os índios Poturu/Zo'e
3. Reportagens de TV sobre os índios Poturu/Zo'e
4. Exposição "Descobrimdo o Brasil"

### III. Projetos de pesquisa e acompanhamento antropológico

### IV. História de contato do povo Zo'e Década de 70.

I. Documentação das agências de contato

1. FUNAI: documentos administrativos e relatórios de visita à área  
(ordem cronológica)

FUNAI - Portaria normativa 001/N/COAMA de 25.06.76, da Coordenadoria da Amazônia, criando o Posto Indígena de Atração Cuminapanema.

FUNAI - Radiograma 1226/2DR de 04.05.83 e Inf.915/DGO/83 informando a impossibilidade de compor a Frente de Atração por falta de recursos humanos e financeiros.

PARISE, Fiorello - Informação ao Processo FUNAI/BSB/529/83 (propõe viagem de reconhecimento à região do Cuminapanema e interdição da área indígena), Belém, 19.09.83.

FUNAI - Portaria 1.061 de 22.05.87 cria o Posto Indígena Cuminapanema, subordinado à 4 SUER/FUNAI em Belém.

CARVALHO, J.E. - Relatório à 4SUER (formar equipe de localização de índios isolados nos rios Erepecuru, Cuminapanema, Urucuriana e Marapi), Belém, 11.08.1987.

FUNAI - Coordenadoria de Índios isolados / Sistema de Proteção ao Índio Isolado, Brasília, 1987 - Segunda edição, 1988 (81 pag.).

FUNAI - Convênio 008/88 firmado entre FUNAI E MNTB (veda atuação da missão em áreas de índios isolados).

FARO, L.L.M. - Relatório de saúde referente à estadia no Cuminapanema, 4SUER/ Funai, Belém, 02.03.1989.

POSSUELO, S., ALVES, A., PARISE, F., CARVALHO, J.E. - Viagem ao Cuminapanema, Belém, 11.03.1989

MONTEIRO, F.A.F - Relatório do médico da Equipe de Saúde da Administração Regional da Funai em Marabá, realizada entre 26.04 e 09.05 do ano em curso, Marabá, 11.05.1989.

- Acompanha: Quadro de vacinação / Plano Emergencial de assistência médica aos índios isolados do Cuminapanema.

CII/ FUNAI - Cronologia dos acontecimentos relativos ao contato da Missão Novas Tribos do Brasil com o grupo indígena isolado do rio Cuminapanema - 4SUER, Extremo norte do Pará (1980 - 13.03.89).

CARVALHO, J.E.- CI/19/AII/4SUER/89 - Relatório de atividades no Cuminapanema no período de 26.05.89 a 21.07.89, Belém, 01.08.89.

- CI/AII/EQPL/001/89 - Apresenta proposta relativa aos índios Poturujara, Belém, 12.09.1989

- CI/005/AII/89 - Parecer sobre presença da MNTB no Cuminapanema, Belém, 11.12.1989.

- Relatório de atividades e trabalhos efetuados na área do Rio Cuminapanema no período de 21.10.89 a 10.12.89, Belém, 17.01.1990.
- CI/005/AII/90 relativa à necessidade da presença da FUNAI junto aos Poturudjara, Belém, 06.03.1990.

PARISE, F. - Relatório de viagem à Base Esperança, Belém, 07.05.1990.

CARVALHO, J.C.- Relatório Cuminapanema (visita de equipe de saúde, entre 16 e 26 de 05.1990), Belém, 03.06.1990.

- Relatório de viagem ao rio Erepecuru ou Cumina (07/EGPL/90), Belém, 16.07.1990.

## 2. MNTB: Documentos administrativos e relatórios de atividades (ordem cronológica)

BROWN GOLD - From the 4 corners: Brazil, Santarem team: survey and contact, February 1982

- From the 4 corners: Brazil, Vianópolis, July 1982
- From the 4 corners: East Brazil, Ebenezer Institute, July 1983
- From the 4 corners: East Brazil, Ebenezer Institute, April 1988
- From the 4 corners: East Brazil, Santarém Base, May 1988
- From the 4 corners: East Brazil, Peniel Bible Institute, November 1988

GORETH, Miriam - Informação relativa à atendimento médico realizado no Cuminapanema à pedido da MNTB, Santarém, 06.12.1988.

MNTB/Equipe Santarém - Carta ao Superintendente da FUNAI em Belém (informa situação crítica de saúde), Base Esperança, 30.12.1988.

BROWN GOLD - From the 4 corners: Brazil, Ebenezer Language Institute, August 1989

- From the 4 corners: East Brazil, Anápolis, September 1989
- New Tribes Mission "Family" as of December 31, 1989, april 1990.

MNTB/Conselho Geral - Informação: MNTB, Poturu, Demonstrativo das áreas de atuação, Anápolis, 19.11.1990.

SILVA, Assis Militão da - Carta à ZDR/FUNAI (informa contato efetuado em setembro de 1982), Anápolis, 23.09.82.

- Carta à AGESP/FUNAI (resposta ao telex 312 de 09.06.83 da AGESP informa situação de contato), Anápolis, 15.06.1983.
- Projeto de contato com os índios do Cuminapanema, Anápolis, 20.12.1985.
- Comunicação à CII/FUNAI (histórico do contato e programa de atuação da MNTB na área), Anápolis, 26.12.1988.
- Comunicação sobre o trabalho entre os índios do Cuminapanema, Anápolis, 26.10.1989

SILVA, Pastor Ageu - Carta à Fernando Collor, Presidente da República, Igreja Evangélica de Vila Yara, São Paulo, 21.12.1991



## 5. MNTB: outras informações

FERNANDES, R.C. - Um exército de anjos: as razões da Missão Novas Tribos - Religião e Sociedade, vol.6, Tempo e Presença Ed., Rio de Janeiro, 1980.

Ferreira, Luis e Carlos - Entrevista concedida à Dominique Gallois e Luis D.B. Grupioni, Base Esperança, 22.02.1991.

JOHNSTON, K. - The story of New Tribes Mission - New Tribes Mission, Sanford, 1985 (285 pag.).

## II. Jornais e divulgação

### 1. Notícias de jornais:

15.03.89 - O ESP: Sertanista descobre tribo em extinção (pag.8)

16.03.89 - O Globo: Funai expulsará americanos de área indígena (pag.10)

11.04.89 - Correio Braziliense: Funai espera ajuda para salvar índios (pag.12)

22.04.89 - Diário do Pará: Funai prepara missão de saúde aos índios Tupi

04.05.89 - FSP: Funai descobre nova tribo de índios na Amazônia (pag.1,7)

05.05.89 - Jornal da Tarde: Uma expedição para salvar 130 índios das doenças do homem branco (pag.13)

05.05.89 - O ESP: Funai contata índios isolados no Pará

06.05.89 - FSP: Funai diz que índios arredios estão doentes e continuarão sob assistência

14.05.89 - O Liberal: Sertanista quer americanos longe dos índios Tupi (pag.16)

15.05.89 - O Globo: Missionários suspeitos de esterilizar índios

15.05.89 - Correio Braziliense: Sertanista veta missão dos EUA que atua no Pará

17.05.89 - Revista Visão: Bures, doentes, confiam na Funai

27.05.89 - Correio Braziliense: Funai mantém missionários americanos (pag.12)

27.05.89 - O Globo: Funai adia decisão sobre expulsão de missionários (pag.7)

02.06.89 - O Liberal: IDESP descobriu índios do Cuminsapanema antes da FUNAI

06.06.89 - O Liberal: Funai vai vacinar índios Tupi

16.06.89 - FSP: No Pará, Polícia Federal prende dois jornalistas holandeses (pag.A-9)

junho 89 - Porantim: Índios do Cuminapanema: vítimas da missão e da omissão

abril 90 - Porantim: Índios do Cuminapanema, mais um povo ameaçado pelo garimpo

1989 - Revista Horizonte Geográfico: Os últimos Tupi-Guaranis, Ano 2/7.

07.07.91 - Jornal do Brasil: Missionários americanos vão ser expulsos do Brasil (pag.22)

31.10.91 - Correio Brasiliense: Funai expulsa missionários de área no Pará (pag.16)

## 2. Textos de divulgação sobre os índios Zo'ez

BERMAN, D. & TDC, C.H. - Índios, crepúsculo de uma raça: os donos do Poturu - Revista Manchete - 08.07.1989

- A tribo perdida dos Poturus - Revista Geográfica Universal, Bloch Ed., n.177, agosto 1989.

GALLOIS, D.T. & GRUPIONI, L.D. - A redescoberta dos amáveis selvagens no Cuminapanema - Aconteceu Especial Povos Indígenas 1987/90, CEDI, São Paulo, 1991.

PENNA, m.m. & TDC, C.H. - Les derniers des Poturu - Geo, n.160, junho 1992.

## 3. Reportagens na TV sobre os índios Zo'ez

17.05.89 - Rede Globo de Televisão / Globo Reporter: contato com os índios do Cuminapanema (documentado por ocasião da 3ª viagem da equipe da CII/FUNAI).

1991 - Rede Manchete de Televisão / Reporter Especial: programa sobre o impacto da evangelização, em vários grupos indígenas, entre os quais os Zo'ez.

#### 4. Exposição "Descobrimo o Brasil"

Descobrimo o Brasil: indios Tupi encontram os brancos no Cuminapanema - Exposição fotográfica itinerante Coord. Dominique T. Gallois & André Villas Boas, CEDI/USP/SMCSP, abril 1991.

GALLOIS, D.T. - Descobrimo o Brasil: indios Tupi encontram os brancos no Cuminapanema - documentário slides/video, 13', CEDI/USP, 1991.

Jornal Casa de Cultura - Imagens, sons e sentidos da sobrevivência indígena, Ano 1/0 - 05.1991

THOMAZ, O.R. - A periferia de São Paulo descobre os indios Tupi do Cuminapanema, Tempo e Presença, Ano 14/262, março/abril 1992.

### III. Projetos de pesquisa e acompanhamento antropológico

GALLOIS, D.T. & GRUPIONI, L.D.B. - Tupi do Cuminapanema: uma etnografia do contato (primeira versão de projeto de pesquisa apresentado ao NHII/USP) - São Paulo, junho 1989.

GALLOIS, D.T. & GRUPIONI, L.D.B. - Visita na AI Cuminapanema/Urukuriana: primeiro relatório de pesquisa etnológica entre os Tupi do Cuminapanema - São Paulo, dezembro de 1989.

GALLOIS, D.T. (coord.) - Projeto de acompanhamento da situação de contato dos indios Tupi do Cuminapanema apresentado à Fundação Mata Virgem - São Paulo, maio de 1990.

GALLOIS, D.T. (coord.) - Relatório preliminar: ação emergencial de saúde, apresentado à Fundação Mata Virgem e à CII/Funai, São Paulo, junho de 1990 (inclui apêndice: invasores e confrontantes da AI Cuminapanema).

GALLOIS, D.T. - Sinopse: Relatório Cuminapanema, apresentado à CII/Funai, São Paulo, abril 1991.

GALLOIS, D.T. - Projeto Cuminapanema: Contato, Terra, Saúde (primeira versão CEDI/CTI), São Paulo abril, 1991.

GALLOIS, D.T. & GRUPIONI, L.D.B. - Repúdio à presença de missionários religiosos em área indígena - Carta encaminhada à CII/Funai em 09.1991 e publicada no Boletim da ABA, n.11, Brasília, abril 1992.

GALLOIS, D.T. - Encontro Waiãpi / Tupi do Cuminapanema: registro de uma experiência de contato intertribal numa área indígena isolada - Projeto USP/CTI, apresentado à FAPESP, dezembro 1991.

GALLOIS, D.T. - Impacto do contato sobre os conceitos de doença e cura entre os Zo'e do Cuminapanema - Sub-projeto integrante do projeto "Sistemas etiológicos e terapêuticos indígenas e contato interétnico" coord. Dominique Buchillet, USP/ORSTOM, apresentado ao CNPq, julho 1992.

IV. História de contato do povo Zo'e

Década de 70

Jornal do Brasil - Funai acelera contato com as tribos existentes na rota da Perimetral Norte (ref. aos índios Nereyô), 20.10.73

Jornal do Brasil - Funai quer Cr \$50 milhões para atrair e pacificar mil índios da Perimetral ( ref. aos índios Nereyô), 31.01.74

O ESP - Funai tenta contato com grupo primitivo (ref. ao helicóptero flechado pelos índios em 1975), 05.03.77

O ESP - A Funai reduzirá atração (ref. à frente do Erepecuru, desativada), 23.08.77.

CHAVES, O. - Entrevista concedida a Luis D.B. Grupioni relativa à expedição do Projeto Trombetas do IDESP que localizou os índios do Cuminapanema em 1975, Belém, 27.02.1991.

Relatório:  
Pesquisa etnológica entre os Zo'e do Cuminapanema

Anexo 3:

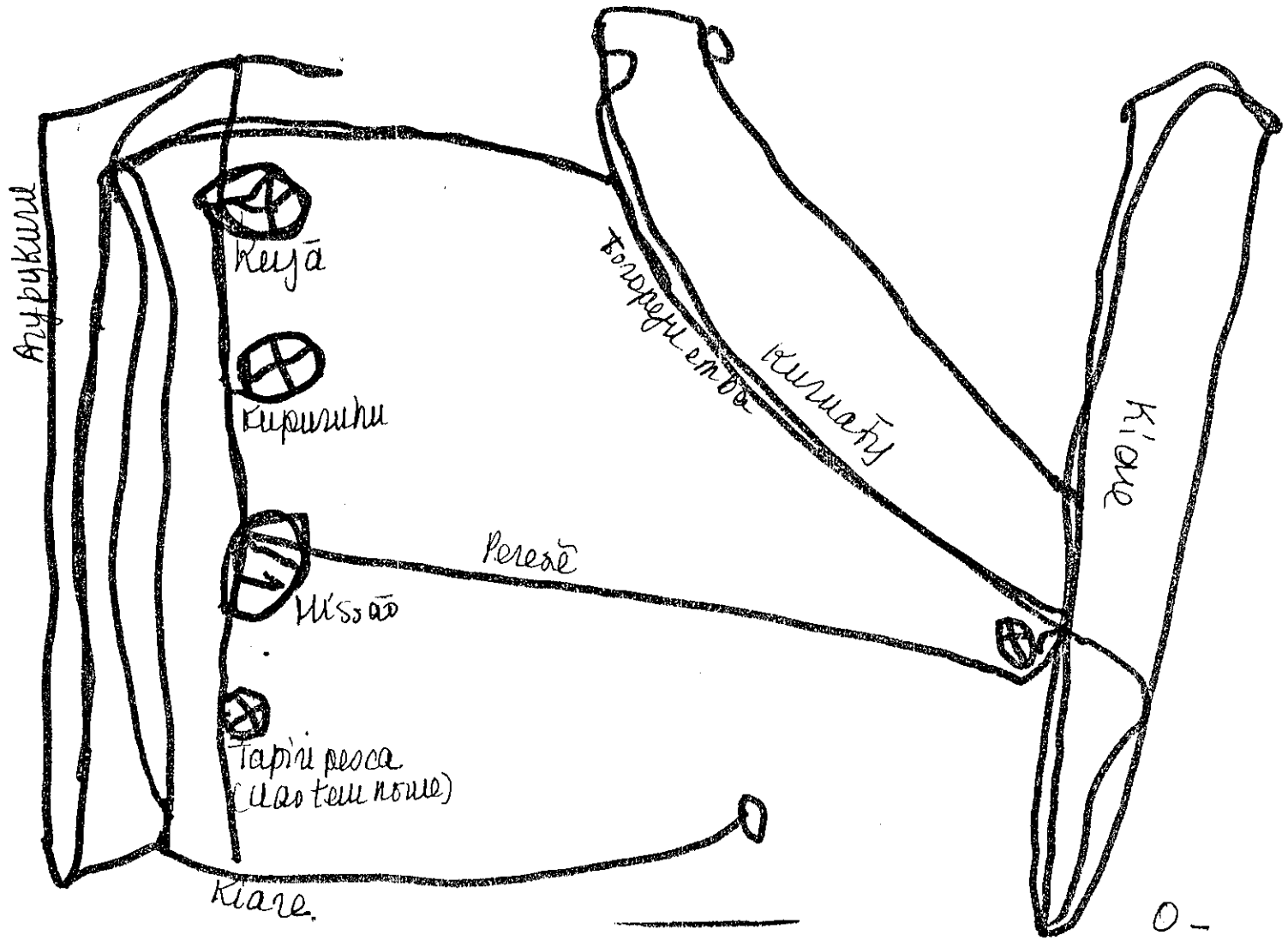
MAPAS DESENHADOS PELOS ZO'E

(seleção)

Dominique T. Gallois  
10/92

1. Mapa desenhado por O', na aldeia da Base em 07/92

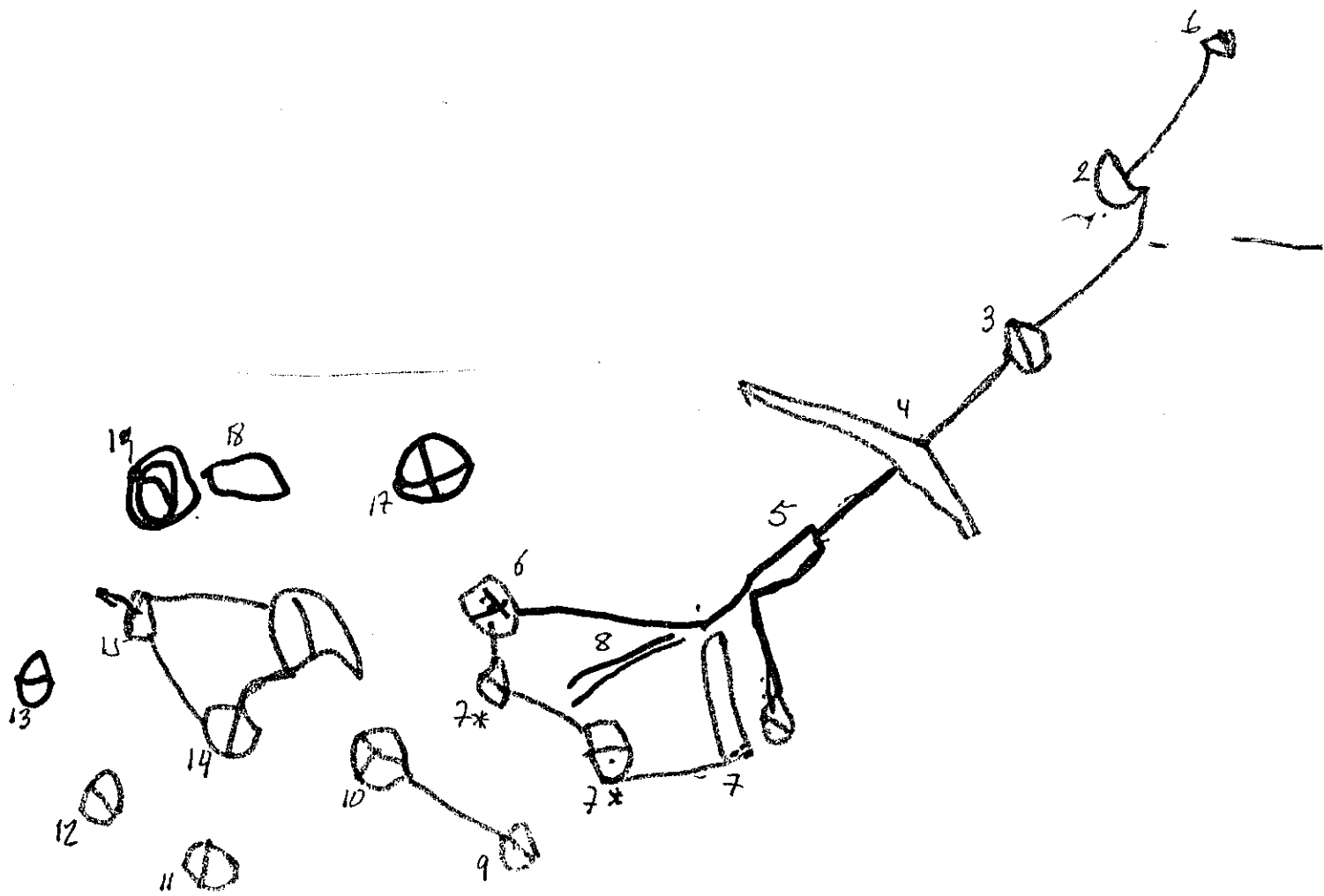
O' desenhou os percursos utilizados pelo grupo no interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema. Indicou três aldeias (Missão, Kupuruhu e Keijã) e dois acampamentos de pesca.



2. Mapa desenhado por O', na aldeia da Base em 07/92

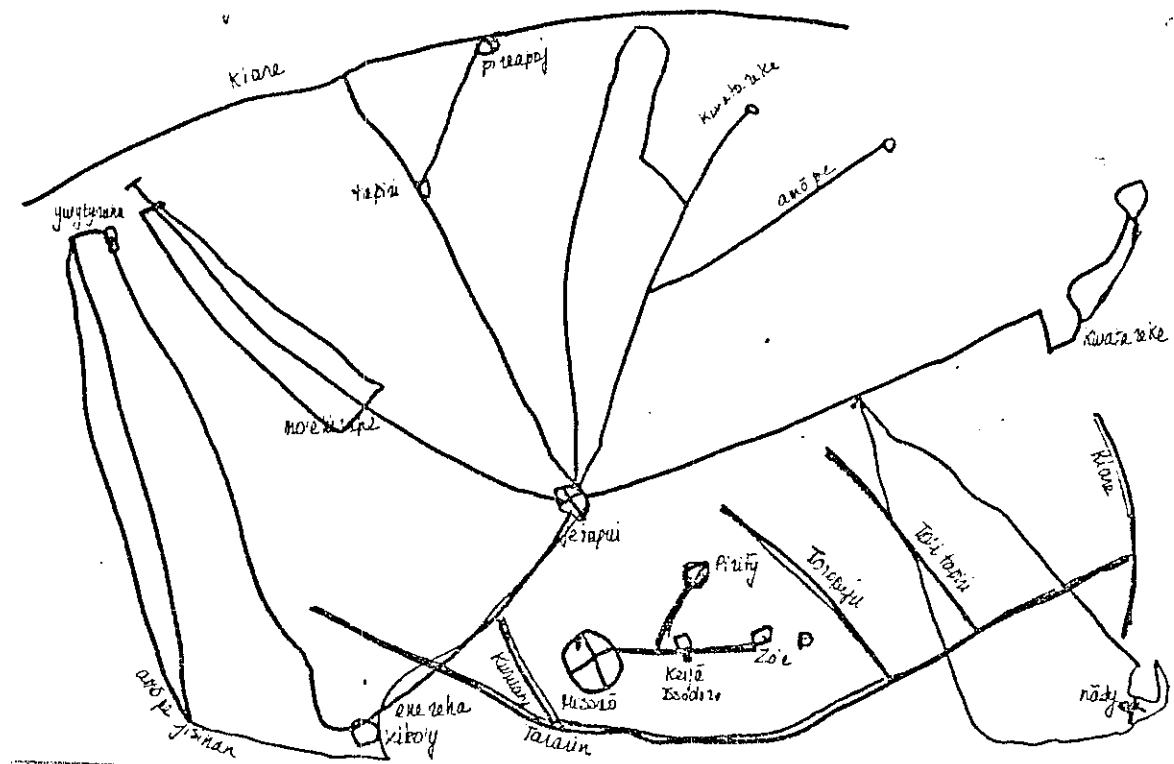
Mostra o percurso entre a Base e Keijã. As seis primeiras localizações correspondem à pousadas no caminho. Os seguintes correspondem à grupos domésticos identificados pelo nome de seu chefe.

1 - Ponto de partida: a "missão"; 2 - igarapé Kuruaty; 3 - aldeia Koporuhu, abandonada (taperet); 4 - igarapé Trãni; 5 - Castanhal, onde os dois mateiros se perderam; 6 - aldeia Purity; 7 - Keijã, com a casa de Isidoro, de Biri e de Taku'ã; 8 - a pista de Keijã; 9 - Za'to; 10 - Siju'hu; 11 - Tamiri; 12 - Haj; 13 - Turu; 14 - Kirata; 15 - Sarakut; 16 - Xu; 17 - Uruputu; 18 - Jurusi uhu; 19 - Sira'hyt.



3. Mapa desenhado por O', na aldeia da Base em 07/92

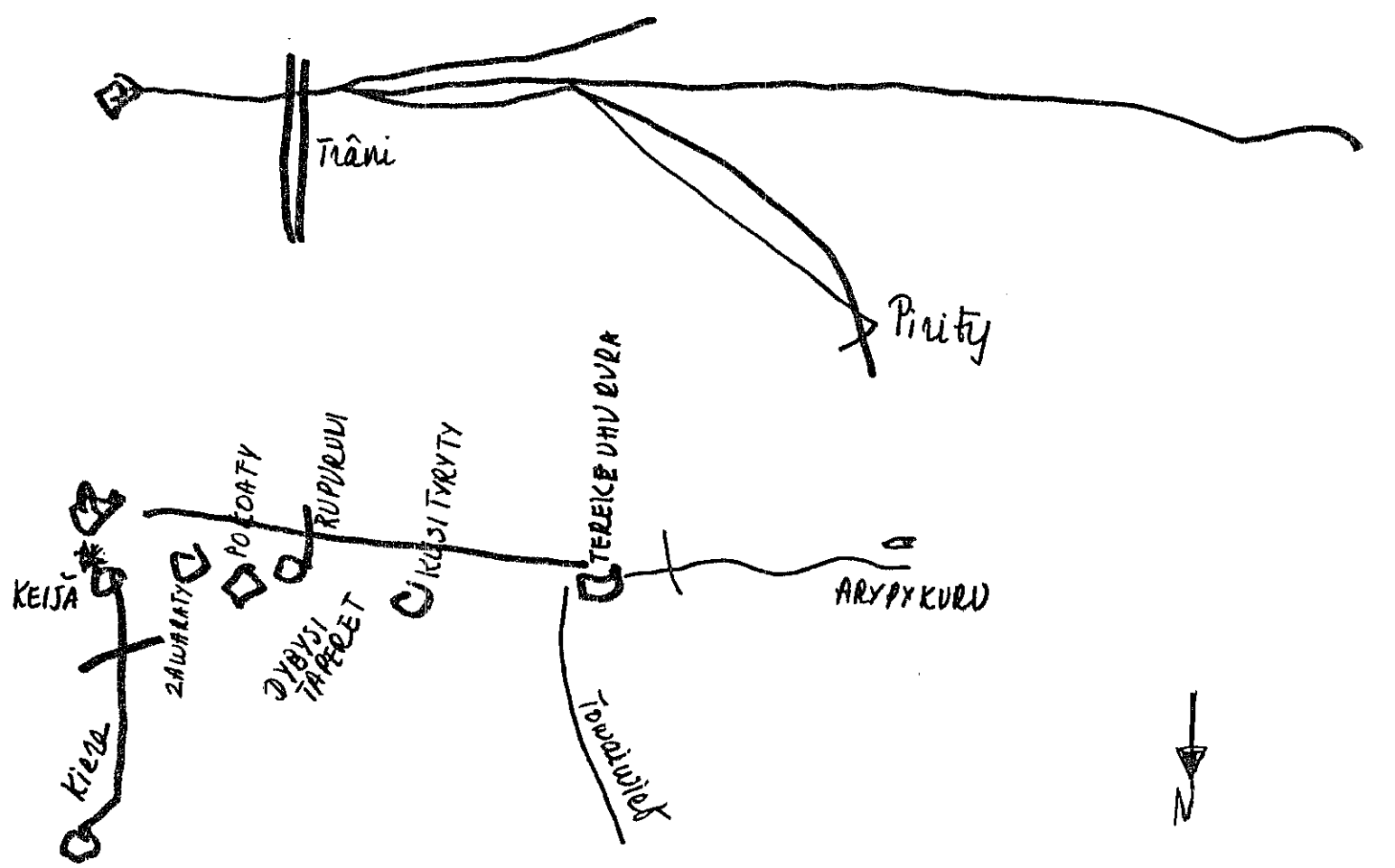
Representa os diferentes caminhos utilizados por O' e por seus familiares em suas atividades de subsistência (*kwata reke*: caminho utilizado para caça; *pirapoi*: ponto de pesca; *xibo'y*: coleta de entrecasca; *nãdy*: castanhal; *ywytyruhu*: serra onde os moradores da "missão" vão coletar frutas e desenhinhar pássaros). Todos os percursos saem de sua casa, no centro. Nota-se que O' distancia sua habitação dos lugares ocupados pelos "dos brancos" (a missão, a pista *mo'e hi rape*, a casa do Isidoro). Em torno desses lugares, ele indicou, porém duas aldeia: Zawarakiaven (*Zo'e*) e Purity.





4. Mapa desenhado por O' e Sarara, na aldeia da Base, em 07/92

Reproduzo os traços (correspondendo à igarapês ou a caminhos) e as localizações das aldeias indicadas pelos autores. Observe-se que, como desenhavam de ponta cabeça, o norte está em baixo. Entre os rios Cuminapanema/Kiere e Erepecuru, indicaram cinco aldeias, como segue, a partir de Keijã: *Zawaraty*, *Fokoaty*, *Dybysi taperet* (no ig. Pupununi), *Kusityry* e *Tereke uhu rupa*, à altura do ig. Towaiwiet. Esta zona de ocupação interfluvial só foi abandonada nos últimos anos, em função da atração realizada pela MNTB. Hoje, apenas *Tereke uhu* é habitado permanentemente, mas as outras são visitadas regularmente e ainda dispõe de plantações produtivas. O ponto \* mostra o lugar onde os dois mateiros se perderam, pouco ao sul de Keijã.



O' / Sarara - 7.7.92

5. Dois mapas desenhados por Si'ju, na aldeia Zawarakiaven, em 07/92

Reproduzo os traços de Si'ju para me explicar a localização da antiga aldeia Tetan, situada na margem esquerda do Kiere. O rio que os índios identificam como Kiere não corresponderia, nesta altura (curso médio e alto) ao Cuminapanema. A aldeia localizaria-se portanto entre o braço direito do alto Cuminapanema e este rio propriamente dito.

Si'ju afirma também que, fora a aldeia Iviara, situada na cabeceira do igarapé Biraka, não existiu outra aldeia nesta área. A aldeia Iviara foi ocupada até o final da década de 70, ao passo que a aldeia Tetan teria sido abandonada há mais de 30 anos.

